

REVISTA

BULUNGA

abril de 2022 - número 5

INÉDITO!

mais uma vez à frente dos outros meios de comunicação, a Revista Bulunga consegue entrevistar um **FANTASMA**

neste número

PAPO-CABEÇA
com Jorge F. Isah

DIÁRIO DE UM CONFINAMENTO
novos capítulos

OS TRÊS PATETAS
o trio mais biruta da terra

CÉLINE
um escritor maldito e genial

PIADAS,
SPOILERS,
AUTOAJUDA,
CONTOS,
CRÔNICAS
e muito mais



Editorial

A política do cancelamento veio para ficar. E está aumentando cada vez mais a volumosa lista dos cancelados, com o mais recente caso do ator Will Smith, lá nos EUA, e teve também o ex-presidente Donald Trump e o Kanye West, mas a febre de cancelamentos acontece mesmo é no Brasil, onde podemos citar os exemplos do Monark, do canal de podcast "Flow", do apresentador e ex-BBB Adrilles Jorge, do deputado Arthur do Val (Mamãe Falei), do apresentador e ator Danilo Gentili, dos cantores Nego do Borel e Sérgio Reis e, como não poderia faltar na lista, do Presidente Bolsonaro, que é o verdadeiro rei dos cancelamentos.

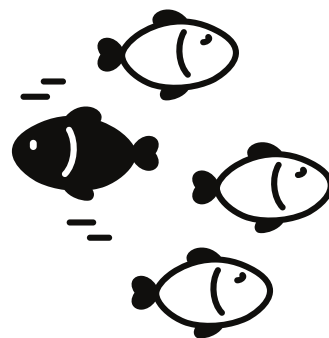
Não vamos relembrar cada caso, pois foram cansativamente explorados pela mídia, mas o surpreendente é que, com o cancelamento, determinados grupos da sociedade querem executar sumariamente os cancelados, independente de terem ou não culpa, sem direito a julgamento, tirando-lhes os cargos, as funções, os empregos, a fonte de renda, suas reservas, suas casas, seus carros, suas famílias e, se possível, condenando-os à morte por apedrejamento em praça pública.

Ironicamente, o cancelador não se interessa em moralizar, em restaurar os valores da sociedade, mas apenas se empenha em exercer o prazer de ser o executor. É o sadismo que aflora em um determinado segmento da sociedade, uma ideologia de carrascos que toma forma, na ausência de uma justiça que dê respostas imediatas aos seus anseios.

Mesmo não demonstrando um posicionamento político e não tendo ainda uma projeção nacional, esta revista pode ser cancelada a qualquer momento, caso alguma autoridade absoluta conclua que escrevemos a palavra "batata", e que "batata" ofende uma minoria qualquer, sabe-se lá de qual for o segmento.

A insegurança jurídica tomou conta do país. Nem nos piores tempos da ditadura militar a coisa era assim. Na época, havia um pequeno bando de burros que decidia o que o povo podia ou não podia fazer, mas agora é o poder paralelo que polícia, que acusa, que julga e executa, apoiado por uma parcela da população que (ainda) não representa a maioria e exige a exclusão de quem quer que esteja colocando em risco o livre exercício da imbecilidade.

O INVERSO DO REVERSO



As coisas mudam, não há como negar. Se mudam para melhor ou para pior, dependerá da perspectiva a ser analisada. Não, isso não é conversa mole de advogado ou de psicólogo: é só uma constatação. Vamos pegar o exemplo da indústria automobilística. Do ponto de vista da beleza, do conforto, da tecnologia e da segurança, não há como negar que os carros evoluíram de uma forma impressionante, nestes últimos tempos. O mesmo se aplica à arquitetura e à engenharia. Obras faraônicas são levantadas num piscar de olhos, com resultados que a Lei da Gravidade há de questionar. O problema é que vários itens desses segmentos se tornaram bens de consumo descartáveis, da moda, adquirindo prazos para reposição ou manutenção bem menores do que no passado.

As casas e os carros eram feitos para durarem a vida inteira. O mesmo diríamos das bicicletas, dos eletrodomésticos, dos móveis, e até mesmo das roupas, que passavam por gerações e depois de décadas recebiam remendos, mas hoje são meticulosamente projetados para serem reformados ou trocados em bem menos tempo, pois isso é o que movimenta a indústria e o comércio direcionado ao consumismo.

Até o aspecto das pessoas mudou com o tempo. Se você analisar algumas fotos dos anos 1920/30, verá que, em aproximadamente cem anos, os rostos e os corpos estão totalmente diferentes. As mulheres estão mais bocudas, bundudas e peitudas, e os homens mais bombados, com os corpos sem pelos e alguns já nascem maquiados. É um milagre da natureza!

É óbvio que não é um milagre: estou zoando, não percebeu? Está tudo artificial, uma porcaria. Veja o exemplo da música e do cinema. Hoje em dia, podemos definir música como uma espécie de "barulho com apelo sexual". Já o cinema se transformou na técnica de se reproduzir na tela os quadrinhos da Marvel e da DC Comics, utilizando atores e atrizes abobalhados, fantasiados com collants coloridos.

Podem dizer que ficamos velhos e que não conseguimos acompanhar a evolução do mundo. Saibam que, para nós, o mundo não evoluiu, mas apenas se deteriorou. E velho é a &*%\$#@§.

BULUNGA ENTREVISTA

UM FANTASMA

Você já deve ter ouvido falar de “Gasparzinho”, ou assistido “Ghost – O Outro Lado da Vida”, ou então “Os Caça-Fantasmas”, quando foi possível se divertir e se emocionar com espécies mais simpáticas de ectoplasmas, mas saiba que também existem entidades assustadoras, a exemplo das mostradas em filmes de terror como “Atividade Paranormal” ou “A Bruxa de Blair”, quando podemos ver o que esses seres são capazes de fazer para nos provocar arrepios. O nosso encontro aconteceu em uma casa abandonada, em uma sexta-feira chuvosa, e contamos com a orientação de uma especialista em experiências ectoplasmáticas, a Dra. Dorothy W. Ross, da Universidade de Experiências Paranormais de Salém, EUA, quando pudemos nos aproximar e entrevistar uma dessas entidades, um fato inédito que só a Revista Bulunga foi capaz de realizar.

BULUNGA – Onde você está?

FANTASMA – Aqui.

BULUNGA – Aqui onde?

FANTASMA – Na sua frente.

BULUNGA – Não estou vendo.

FANTASMA – Boooo!

BULUNGA – Que susto!

FANTASMA – Adoro isso.

BULUNGA – Ainda bem que não tenho problemas cardíacos. Você poderia ter me matado. Mas agora vamos deixar as brincadeiras de lado para começarmos a entrevista.

FANTASMA – Ok: manda bala!

BULUNGA - Posso colocar um lençol sobre você só para ver a sua forma? Fica melhor assim, para interagir.



FANTASMA – Tudo bem.

Por sorte, na casa havia um lençol branco cobrindo um sofá, e bastou tirar a poeira acumulada e algumas teias de aranha, para jogá-lo sobre o nosso entrevistado.

BULUNGA – Uau! Pelas curvas que estou vendo, você é UMA FANTASMA! Quando era viva, devia ser bem gostosa.

FANTASMA – Tenha modos. Não existe distinção de sexo entre fantasmas.

BULUNGA – Não? Que falta de graça... quer dizer que fantasmas não...

FANTASMA – Não.

BULUNGA – Nadica de nada?

FANTASMA – Já disse que não. Você está me constrangendo...

BULUNGA – Tudo bem: vamos às perguntas. Como foi que você morreu?

FANTASMA – Eu era uma funcionária-fantasma, e acabei sendo esquecida na repartição, no dia em que tive que ir lá bater o ponto. O porteiro não me viu e acabou me trancando lá. Era véspera de feriado e eles emendaram a segunda-feira com a quarta-feira, a quarta com a sexta, e depois tinha outro feriado na outra terça, e assim só foram aparecer por lá duas semanas depois, mas eu já havia morrido.

BULUNGA – Pô, é uma pena... E como foi a sua primeira experiência como fantasma? Passou a assombrar qual lugar?

FANTASMA – A própria repartição onde eu trabalhava. Mas lá era muito parado e acabei me cansando. Pedi transferência algumas dezenas de anos depois.

BULUNGA – Para onde você foi?

FANTASMA – Para um parque de diversões. No começo era muito divertido... as pessoas se assustavam de verdade, mas com o tempo foi perdendo a graça. E hoje em dia, com essa pandemia, as pessoas foram parando de ir ao parque. Preferiam ficar em casa vendo dancinhas no Tik-Tok, e mesmo depois que as medidas sanitárias afrouxaram, preferiram continuar desse jeito. Algumas nunca mais tirarão as suas máscaras.



BULUNGA – É, mas parece que você ainda está em forma. Me assustou de verdade...

FANTASMA – Ah, foi só um sustinho de nada. Antes a gente fazia muito mais. Arrastávamos correntes, batíamos em panelas, jogávamos pratos e xícaras no chão...

BULUNGA – Você disse “nós”...

FANTASMA – Éramos uma equipe. Foram bons tempos aqueles... Fortes amizades... Pensamos que duraria para sempre, mas eles tiveram que ser transferidos. Foram assombrar em outra freguesia. Ordens do chefe...

BULUNGA – Existe uma hierarquia entre os fantasmas?

FANTASMA – Claro! Em cada bairro existe uma chefia. E respeitamos esse comando com muito rigor. É bem diferente do mundo dos vivos, que é a maior bagunça. Vejam o exemplo do seu Presidente: foi eleito, mas não manda em nada.

BULUNGA – É uma pena...

FANTASMA – Sabe que eu prefiro essa vida de fantasma? Quando estava viva, era muito chato. E olhe que os tempos eram outros, não era essa maluquice que tem hoje. As pessoas ficam todas hipnotizadas, olhando para a tela do celular. Não vivem! Depois que virarem fantasmas como eu, vão sentir saudades.

BULUNGA – Todas as pessoas depois que morrem viram fantasmas?

FANTASMA – Não: só as que fazem muita besteira.

BULUNGA – E qual foi a besteira que você fez?

FANTASMA – Apoiei o comunismo. Acreditei que era a melhor forma de se viver sem precisar trabalhar, e deu no que deu... Parecia fácil tomar posse de uma casa ou de um carro sem ter que pagar... aquele safado do Karl nos enganou.

BULUNGA – Karl Marx?

FANTASMA – Esse mesmo. Vagabundo. Agora está assombrando um circo abandonado lá na Rússia.

BULUNGA – Um circo?

FANTASMA – Isso mesmo: para pagar pelos milhões de inocentes que ele fez de palhaços.

BULUNGA – Quer dizer então que no seu mundo a justiça funciona.

FANTASMA – Funciona. Mas no mundo dos vivos já é OUTRA HISTÓRIA...

BULUNGA – Me diz uma coisa: existem outros fantasmas famosos?

FANTASMA – É o que mais tem: artistas, advogados, médicos, políticos, desses que estavam sempre em evidência nos noticiários...

BULUNGA – Que legal! E como faço para falar com eles?

FANTASMA – Você não vai conseguir. São muito vaidosos. Se tornaram “fantasmas VIP”. Difícil agendar um horário com eles.

BULUNGA – Não sabia que existiam esses lances entre os fantasmas. Pensei que depois que morriam, as pessoas deixavam de lado as vaidades.

FANTASMA – Imagine! Nem depois de mortos consertam.

BULUNGA – E o que mais irrita um fantasma?

FANTASMA – Várias coisas... mas o que mais pode deixar um fantasma furioso é colocar um funk. Isso mexe até com os ossos da gente que ficaram no túmulo. As “batidas” feitas com a boca, os cantores com voz de feirantes... parece que estão anunciando: “olha a laranja, é três real, é três real”! Não há nada mais irritante. E as letras? Você já ouviu as letras? É só sexo, apologia às drogas e ao crime. No meu tempo não tinha essas coisas. Era só música clássica, bolero, tango... Virou baixaria.

BULUNGA – As coisas vão de mal a pior...

FANTASMA – E por falar nisso, essa revista de vocês tá fazendo algum sucesso?

BULUNGA – Tá nada... quase ninguém lê. Mas é assim mesmo. A gente já sabia. Brasileiro não é muito chegado em literatura.

FANTASMA – Mas também olha a ideia: fazer uma revista literária! Se ao menos fosse uma revista de fofocas, que falasse das tramas do Big Brother, todo mundo ia ler.

BULUNGA – Tem razão. Mas não vamos mudar. Somos que nem burros velhos. Morreremos atirando!

FANTASMA – O fim está próximo.

BULUNGA – É mesmo? Quando vai ser?

FANTASMA – Não posso dizer. Mas não vai demorar. Fica esperto!

BULUNGA – Pode deixar. Foi muito legal a entrevista. Muito melhor do que se entrevistar alguma celebridade instantânea. Imagine a quantidade de recusas que já tivemos.

FANTASMA – Posso imaginar... Mas não há de quê. Também gostei de falar com você. Qualquer noite dessas apareço lá no seu quarto para puxar o seu pé.

BULUNGA – Ah, isso não!

FANTASMA – Tô zoando! A gente não faz mais isso. Aqui entre os fantasmas também estão vigorando as regras do “politicamente correto”. Tá cheio de frescurinhas: não pode isso, não pode aquilo, blá, blá, blá... tá um saco, mas a gente vai levando. Então tá bom: fui!





Os Três Patetas foram um trio de comediantes formado, há exatos 100 anos, pelos judeus Moses Harry Horwitz e Samuel Horwitz, que eram irmãos, e também por Louis Feinberg, mas que assumiram os nomes artísticos Moe Howard, Shemp Howard e Larry Fine.

O nome era uma adaptação do original em inglês "The Three Stooges" que significa "os três capachos", termo usado para designar o "escada", papel coadjuvante na comédia, a exemplo de Dedé Santana, em Os Trapalhões, grupo que também sofreu grande influência do trio.



Ted Hearly

Moe Howard começou fazendo dança aquática, e mais tarde partiu para o teatro, trabalhando no Brooklyn em Vaudevilles (shows de variedades, que envolviam comédia, música e dança) e atuando com Ted Hearly (pseudônimo de Charles Ernest Lee Nasch), que já era bastante conhecido na época, e se transformou no mentor do grupo, sendo a ele atribuído o estilo bruto e pastelão que tanto marcou o trio. Mais tarde, se juntou a eles Samuel Horwitz, irmão mais velho de Moe, que adotou o nome de Shemp Howard, e pouco depois foi a vez de juntar-se ao grupo um rapaz judeu, que era violinista e comediante, chamado Louis Feinberg, que adotou o nome artístico de Larry Fine.

Por não concordar com o estilo grosseiro de Ted Hearly, Shemp retirou-se do grupo para seguir sua carreira solo, e assim Curly Howard irmão mais novo de Moe e Shemp, cujo nome era originalmente Jerome Lester Horwitz, juntou-se à trupe, tornando-se a sua principal atração.

Seu estilo inocente e infantil, além de totalmente atrapalhado, fez de Curly a grande atração do grupo, agradando principalmente as crianças, e as tramas geralmente giravam em torno de suas brigas com o líder Moe, com Larry quase sempre tentando apartar as confusões.

O mais interessante é que a princípio Curly não teria passado no teste com Ted Hearly, pois tinha uma espessa cabeleira e um longo bigode, e não parecia nada engraçado, mas depois que raspou tudo é que foi possível perceberem a extraordinária veia cômica que possuía.

O primeiro filme de Hollywood foi "Soup to Nuts", lançado em 1930, e representou o afastamento de Ted Healy, pois a Fox Films ofereceu um contrato para o trio de patetas, mas não tinha interesse por Healy, e assim ele procurou atrapalhar essa contratação. Mas ainda haveriam algumas idas e voltas, com brigas e ameaças de processos, e somente em 1934 o trio se separou definitivamente





de Hearly, época em que Curly já havia substituído Shemp, e estrearam vários sucessos na Metro Goldwyn Mayer, entre longas e curtas-metragens. Eles ainda passariam pela Columbia Pictures, onde ficaram por 23 anos.

Uma curiosidade é que os patetas foram os primeiros a satirizarem Adolf Hitler, antes mesmo de Charlie Chaplin em "O Grande Ditador". O nome do curta-metragem era "You Nazty Spy", lançado em janeiro de 1940, e trazia Moe parodiando o ditador nazista, tornando-se um dos maiores sucessos do trio, entre centenas de outros, a maior parte curtas-metragens.

Porém, Curly começou a apresentar problemas de saúde, parte desses devido à sua obesidade, somado à depressão e ao alcoolismo, até que em 1946 teve um acidente vascular cerebral e não pode mais atuar, sendo substituído por Shemp, que durante um tempo atuou na sombra do irmão, o qual, ironicamente, havia sido o seu substituto, até conseguir impor seu estilo próprio, pois era também um excelente comediante, e isso contribuiu para o crescimento do personagem de Larry, que até então basicamente servia para apartar as brigas entre Moe e Curly, funcionando como uma espécie de "caixa

de pancadas". E por falar em pancadas, era o que mais se via no seriado, e também as ocasionais "guerras de tortas na cara", que tanto marcou o estilo "pastelão".

Shemp veio a falecer em 1956, e assim ainda foram tentados três outros substitutos, sempre buscando alguma semelhança com Curly, sem sucesso.

Larry sofreu um AVC em 1970, encerrando a sua carreira, vindo a falecer em 1975, mas ainda assim, outros substitutos foram cogitados, mas todos sem o carisma dos três (ou quatro) originais.

Naquele mesmo ano, poucos meses após, morreu Moe.

Para aqueles que tiverem interesse em conhecer o irreverente trabalho dos "patetas", diversos episódios estão disponíveis no Youtube.



de cima para baixo, Moe, Curly, Larry e Shemp



TATOOS & PALIO

por Clodokill Fernandes

Falar de tatuagens é remeter-nos à história, milênios atrás, quando os homens a utilizavam básica e especificamente por três razões (sim, elas não são invenções e privilégio de marinheiros, rockers ou punks):

1) Em religiões pagãs (não cristãs) eram feitas para rituais e cerimônias religiosas. Comumente se pintavam, facilitando a remoção, em diferentes situações, por exemplo, na guerra se usavam determinadas formas, nos rituais outras, e assim por diante; nesse aspecto, a pintura funcionava melhor, pois eram removidas e substituídas por outras.

2) Marcar os escravos (como se marca gado) para identificar quem era o seu dono.

3) Marcar condenados ou prisioneiros de guerra (bandidos em geral e traidores).

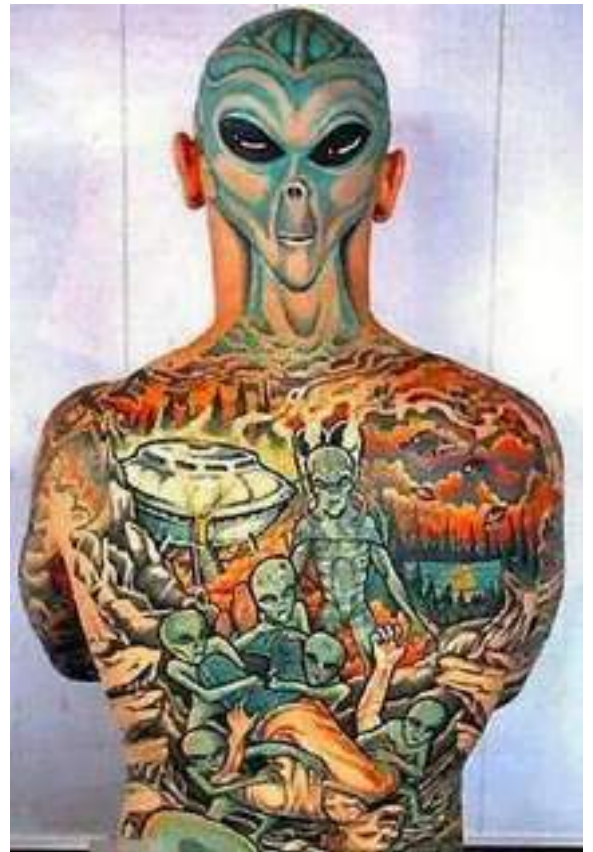
Portanto a ideia de se modificar o corpo, como apelo estético, é relativamente recente, e se tornou popular a partir da metade do séc. XX, quando os jovens, em especial, buscaram nessa prática quebrar os padrões da época e se rebelar contra o status quo. A bem da verdade, conseguiram apenas emporcalhar seus corpos, mesmo acreditando carregar em seus membros, costas e tórax um tipo de “arte”. E a coisa chega ao extremo de, certas pessoas, se parecerem mais com uma moldura de ferro-velho, tal o número de tranqueiras a espalhar-se na epiderme. Junte-se a isto os piercings, alargadores e implantes de objetos externos e internos, e o Inferno entra em êxtase. Na verdade, muitos dos demônios podem ser vistos aqui e acolá, com seus “chifres” e deformidades espalhadas pelo corpo. Falta carregar o tridente, porque de resto, já não falta mais nada.

Eventualmente, houve grupos que as aplicavam para se distinguir dos rivais ou concorrentes: gangues, piratas, máfias e qualquer coisa relacionada ao submundo do crime (famiglia, grupo, clã, bando, etc).

“Meu corpo, minhas regras”, dizem as lustrosas militantes do Planned Parenthood e suas congêneres tupiniquins. Não estou aqui para defecar regras sobre ninguém mas, ao mesmo tempo, não vou reconhecer algo tão bisonho e xucro por normalidade; pois não é, nem nunca será. Reconheço haver pessoas feias, muitas delas feias de doer (ah, alguém vai dizer: isto é preconceito, pois não existe feiura, e ela está apenas nos olhos de quem vê... Mas, claro que está, ora! Ou é possível ver a beleza ou feiura sem olhos?), e talvez um remendo aqui e outro acolá, surta um efeito mitigador. É provável que, por isso, alguns queiram ser um macacão “vivo” de piloto de Formula 1 ou uma colcha de retalhos mal cozida...



Voltando às militantes e usuárias do P.P. e suas congêneres, a situação é de uma sordidez inigualável e abjeta, pois não se trata do seu corpo apenas, mas o corpo de um terceiro, do próximo, de alguém que não é ela mesma, que nem mesmo faz parte do seu corpo, e não pode ser condenado à morte apenas por estar de passagem em um “veículo” infrene, pusilânime e sicário. Entretanto, quando se vê uma pele branca, delgada e imaculada (e



nem estou mais falando de feiura), tismada de borrões, logo me vem à memória o chão daquela oficina mecânica ou borracharia dos “quintos”; todavia, até estas, de alguma forma, se especializaram em acabar com as marcas e manchas de graxa e óleo espalhadas pelos pisos, paredes, bancadas; muitas são mais salubres do que a maioria das cozinhas de restaurantes, cantinas e lanchonetes, com seus cozinheiros e garçons empesteados de tinta... E o que dizer das peles “afro”, mais escuras (aqui não existe qualquer conotação racista, tão somente a constatação de um fato), que insistem em usar a cor preta (tom sobre tom) para se ornarem? É o próprio



contrassenso... Por que não se tingem de branco ou amarelo ou pink?... Algo que tentei, sem conseguir uma explicação razoável... imagino que seja algum fator de afirmação política/ideológica, um tipo de ativismo inconsciente ou coisa que o valha, de efeito nitidamente irrisório e ominoso.

E os velhos? Tem muito ancião e anciã por aí em busca de rejuvenescimento, a famosa síndrome de Peter Pan, mas acabam mesmo se tornando em algo ainda mais ridículo do que o cabelo pintado de cobre ou a camiseta preta com a foto da Anita.

O prosaísmo de velhos infantilizados e suas tatoos só é superado pelos adeptos do crossfit, terraplanismo e do aquecimento global. Aos jovens que não acreditam no futuro, digo: ele chegará, e com ele pelancas, flacidez, rugas, estrias e varizes e as tatuagens apenas realçarão a própria decadência. Alguém pode dizer, com todas as letras, jamais ter lido algo tão estúpido, reacionário, preconceituoso e declaradamente eivado de ódio; na verdade, sinto em lhe dizer, mas já o fizeram. Contudo, posso afirmar o contrário, não de que eu não seja nada disso, porém, o interlocutor a acusar-me se utiliza de adjetivos a descrevê-lo também. Ao menos, tenho lá os meus motivos: sofro de Transtorno Compulsivo Obsessivo, diagnosticado há mais de trinta anos por uma junta médica do hospital psiquiátrico “Galba Velloso”.

Naquela época, fui mantido ora na solitária, ora na camisa-de-força, até que, ultimamente reavaliou-se a situação e descobriram que toda a equipe era, no fim das contas, esquizofrênica, e me soltaram. Hoje, não sei aonde andam, enquanto eu me aventuro pelas ruas, óculos escuros (uso dois pares de lentes “Transitions” em cada um), boné ou chapéu; louco para comprar o “Google Glass” e poder, enquanto perambulo, ver apenas paisagens bucólicas e impolutas. Chego a pensar num Metaverso sem tatoos e balangandãs; se criarem, contém com a minha adesão.

Como santo de casa não faz milagres, acabei de pagar a trigésima sexta tattoo na minha filha caçula, provocando o furor da mais velha, que foi taxativa: “Ou me deixa fazer as tatuagens que sempre quis, ou saio de casa!”. Por uns dias fiquei em dúvida. Mas depois que a esposa colocou o meu travesseiro no sofá da sala, sem direito a coberta nem nada, marquei três sessões prévias com o “Maurice”, um tipinho que se diz francês, mas que arrasta um sotaque mais para o castelhano, e se autodenomina o “Rei”, apenas “Rei”, sem qualquer complemento. Se ele não aceitasse cartão de crédito e dividisse em até dez vezes sem juros, eu já teria trocado o vetusto Pálio por um Argo. Não sei quando vai acontecer, e se vai acontecer, pois pelo andar da carruagem, a minha esposa anda a confessar às amigas o desejo antigo de ter a figura do Che no colo (entre os dois seios), martelo e foice talhados às costas, por enquanto. E o bebê, nem sabe falar, mas já ostenta marcas estranhas nas covinhas e dobrinhas... Ou seja, é melhor levar o Pálio para a revisão dos 200.000 km, enquanto é tempo.



*Clodokill Fernandes é nosso correspondente internacional e atualmente habita em um trailer no deserto de Nevada, de onde acompanha as tendências mundiais.

Diário de um Confinamento

crônicas de Michel Salomão

capítulo 14

Hoje tive que ir a um laboratório para acompanhar o meu filho em um exame. Não era exame de Covid-19, mas o laboratório estava cheio de gente pensando que ia morrer, fazendo uma bateria de testes, em busca de resultados ruins. Diante de um negativo, faziam mais e mais exames. Não dá para entender porque as pessoas são assim. Juro que não foi proposital, mas dei quatro espirros seguidos por baixo da máscara. Uma mulher que estava do outro lado do saguão não parou mais de me olhar, com uma espécie de medo, nojo e comiseração. Pensei em forçar mais alguns espirros, mas acabei desistindo. Ela foi chamada e desapareceu para sempre de minha memória. Talvez tenha sido sacrificada. Talvez.

Tem gente que parece economizar bom dia, boa tarde e boa noite, com medo de um dia faltar, como se fosse acabar o estoque, e só os distribui em duas ou três na vida, e ainda assim, com muito pesar. É o caso da Velha Fumanchu, com a qual encontrei, mais uma vez, passeando na rua com o seu cachorrinho Yorkshire irritante. Ela não me cumprimentou e também não a cumprimentei, como sempre tem acontecido. Sei que não deveria mudar o meu jeito de ser só por causa dela, mas detesto fazer papel de idiota. Apesar de ter uma cara séria, cumprimento todo mundo, pois é o mínimo de civilidade que a gente pode demonstrar. Tenho também uma vizinha que me cumprimenta com um ar esnobe, como se eu fosse a mais inferior e repulsiva das criaturas, e eu a apelidei de “a socialite”. No meu prédio tem várias pessoas assim, que evitam fazer contato com outros humanos. Ou talvez nem sejam humanos. Ou talvez seja o medo da pandemia, por acreditarem que pode ser transmitida por pensamento. Não sei se o problema é comigo ou com os vizinhos. Talvez seja eu que tenha que mudar de planeta.

capítulo 15

capítulo 16

Alguns prefeitos encomendaram mortos de outros lugares, para enterrarem em suas cidades e com isso poderem decretar o Estado de Calamidade, para fazerem suas compras superfaturadas sem licitação. Trouxeram defuntos até do Paraguai, mas fiquei sabendo de casos que os caixões vieram vazios, ou cheios de capim, mas em alguns havia bonecas infláveis, dessas que vendem em Sex Shops. Não se pode confiar em produtos paraguaios. Muito menos em chineses. Um prefeito mandou trazer 200 corpos daquele país, mas vieram frangos. Não frangos de verdade, mas de borracha, daqueles que emitem um som quando você aperta. Não se fazem políticos como antigamente. Os políticos do passado eram menos burros. Eles roubavam, mas construíam pontes, estradas, monumentos. Que saudades!

Comprei na internet uma “camisa-cinta”, pensando que assim conseguiria dar uma acalmada no tecido adiposo abdominal que insistiu em se rebelar durante a pandemia, talvez porque tenha exagerado nas barras de chocolate que devorei diariamente, mas também o arroz-doce, o mingau de milho verde, o doce de leite em barra e a goiabada cascão.

Isso sem contar o considerável aumento da comida de sal, talvez por temer que um dia ela iria acabar, caso o confinamento forçado se prorrogasse por mais tempo. Assim, escolhi o tamanho G, indicado para homens de até 105 quilos. Era o que dizia a propaganda.

Estranhei quando o produto chegou, pois era uma camisa regata feita de um material sintético e elástico, mas tão pequena que parecia não caber em uma criança de 10 anos. Mas, com muito esforço, consegui vestir.

Fiquei sabendo naquele dia que eu possuía talento para contorcionista.

Acontece que a “coisa” uma hora precisaria sair. Mais tarde eu pensaria sobre isso, e assim passei o dia com aquela esquisitice apertando o tórax, não propriamente a barriga, que encolheu um pouco, mas muito pouco mesmo. E então chegou a hora do banho. Nesse momento bateu o desespero. O troço não saía de jeito nenhum, e temi que acabasse dando

um torcicolo ou uma distensão muscular. Onde estaria a tesoura? E o estilete? Era difícil lembrar, com os dois braços entalados sobre a cabeça, já não conseguindo respirar direito, e assim corri na cozinha e peguei um facão que estava na primeira gaveta. Com extrema dificuldade, consegui

cortar a tal cinta de cima para baixo, correndo o risco de me ferir com essa operação arriscada. Só depois percebi que toda a manobra patética foi feita com a janela aberta, e pode ter durado uns dez minutos ou mais.

Sorte se não fui filmado por algum dos vizinhos. Acredito que não. De qualquer forma, nos próximos dias vou ficar de olho nas redes sociais para ver se não fiquei famoso involuntariamente.

capítulo

17

capítulo

18

Depois do milésimo oitavo dia de confinamento, com todo o comércio e as indústrias paradas, com as pessoas enclausuradas em suas residências e uma total falta de alimentos e medicamentos, o povo foi autorizado a comer os objetos de madeira disponíveis em suas unidades. De acordo com os poderes oposicionistas, todos os sapatos de couro já foram utilizados, após cozidos durante quatro horas em fogo brando, desprezando-se eventuais partes emborrachadas nos solados. Os animais domésticos foram os primeiros a serem consumidos pela população faminta. Depois foram as plantas ornamentais, com o povo sempre buscando as orientações da OMS a respeito dos perigos e das propriedades nutritivas de cada uma delas. Apesar dos decretos editados pelo governo central, o lockdown se manteve da forma mais rigorosa determinada pelos poderes paralelos, sendo que o número de execuções sumárias de insurgentes que tentaram sair às ruas em busca de produtos e serviços essenciais superaram o número de óbitos verificados pelo Coronavírus, mas esse sacrifício foi justificado para que fosse mantida a ordem constitucional, mesmo diante das controvérsias apontadas por renomados juristas, que foram consumidos logo após esgotados os estoques de animais domésticos e de plantas ornamentais.

O AGENTE DOS KLINGONS

Jorge F.Isah

Alguém disse, certa vez, que se Deus não existe tudo é permitido, tudo é possível. Ao contrário, digo que se Deus não existe nada é possível, nada é permitido. Eu e ele estamos certos, mas há quem torça o nariz, se empertigue, e insinue a tolice de se pensar nessas coisas, enquanto coleciona duendes e ogros, e varre os céus à noite a procura de ovnis, fadas e dragões alados.

Tive um amigo, e soltei foguetes quando desfez a amizade, que vivia me atormentando com notícias de ufos e aparições alienígenas. “Nenhum ufo vale um minuto do meu tempo, nem mesmo aquela velha banda de hard rock inglesa”, dizia para ele. Mas não adiantava, parecia surdo aos meus apelos, e me mandava toneladas de fotos e vídeos pelo celular. A maioria já havia sido declarada embuste, forjada a fim de trazer notoriedade ao suposto fotógrafo ou testemunha. O meu amigo, ou ex, não se convencia. Acreditava em complô da CIA, KGB, Mossad e governos templários(?!), em conluio com a mídia a fim de se esconder a verdade.

- Mas, por quê? – Perguntei-lhe várias vezes.

- Por quê? ... Você ainda me pergunta por quê? – Dizia indignado.

- Sim, estou perguntando...

- Ora, se você não sabe...

E nunca respondia, mas completava:

- Você tem de entender por si só. Ser confrontado pela verdade até aceitá-la.

Minutos depois, enchia-me com vídeos e mais vídeos sobre as evidências de visitas extraterrestres. Cada um deles com teoria, motivação e conclusão iguais ou parecidas. Havia uns três mentores de centenas de replicantes, mais parecendo um loop infinito de toda a coisa; aonde se fosse, ouvia-se o mesmo discurso, sem que se dessem os devidos créditos ao referido mentor. Assim todos se passavam por originais e membros ilustres da confraria dos lunáticos.

Certo dia, chegou-me em casa de surpresa o amigo, ou ex, com caixas e mais caixas de material sobre Ovnis. Quando abri a porta e vi a tonelada de material que o acompanhava desejei ser abduzido na hora. Mas não fui, e ainda tive de ajudá-lo a carregar toda aquela tralha para dentro de casa. Minha esposa, ao ver aquilo, apenas alguns minutos após deixar a casa impecável, olhou-me como a dizer: você me paga! E sequer cumprimentou o amigo, ou ex; algo irrelevante pois ele, quando estava envolvido com suas teorias, não se importava com mais nada ao seu redor, nem deve tê-la visto. Tornava-se



obstinado e birrento, quase a espumar pelos cantos da boca.

Depois de toda a lenga-lenga disso e daquilo, coisas sabidas de cor pois as repetia compulsivamente, vi no meio do material a foto de um Klingon. Peguei-a, e fiquei a observá-la atentamente.

- Conhece os Klingons? – Perguntou o amigo, ou ex.

- Sim, claro. Da série e filmes de Star Trek.

- Sabia que eles foram baseados em fatos reais? E todos os episódios vieram diretamente de mensagens Klingon?

Lá isso eu não sabia. Continuou.

- Tudo, desde as características físicas, temperamento, linguagem, roupas, vieram diretamente deles, descritos em detalhes ao Roddenberry que os repassava aos roteiristas...

Como eu diria que tudo aquilo era ficção e não tinha nada de verdadeiro?

- Amigo, a linguagem foi criada pelo Mark Okrand, um linguista especializado nos dialetos das tribos americanas. Foi a partir delas que ele criou a língua Klingon...

- Ah, vai! Só falta você dizer que Tolkien não era elfo e os elfos não falam Sindarin... – E riu histrionicamente, exaltado, quase insano. E me segredou, ao pé do ouvido:

- Eu mesmo sou um Klingon, não percebeu? – Diante do meu espanto, persistiu:

- Não tenho a testa enrugada ou crista pois sou

- Não tenho a testa enrugada ou crista pois sou de uma linhagem diferente e de traços mais suaves... Meus pais me ensinaram Klingon antes do português - Sentenciou; e cravou-me os olhos esbugalhados, como se não me visse. Não parou aí: - Mas isso fica entre nós... Ninguém pode saber, pois eu correria risco de vida... - Ah, pensei, para qual louco iria contar algo assim?

Quando saiu, a sala estava tomada por papéis, fotos, relatórios, anotações, livretos e uma porção de quinquilharias que foi tirando aos montes das caixas. Depois de quatro ou cinco horas, deixou-me todo o material.

- Vou deixar tudo para você examinar com calma...

- Não precisa. Já sei de tudo.

- Sim, mas as provas estão aí... Pode consultar à vontade, sem pressa... mas não perde nada, viu!

Saiu sem se despedir. Pus tudo de volta às caixas e amontoei-as a um canto da sala, para facilitar quando viesse recolhê-las. Na parede atrás da cortina. Dias depois, nem me dava conta delas, quando ele voltou inesperadamente.

- Viu as provas? - Foi quando me lembrei dos documentos.

- Sim... vi... muito bom...

- Então, vou levá-las. Preciso delas para um relatório da próxima convenção...

Precisei de alguns segundos para me lembrar onde havia colocado o material. Fui até o fundo da sala, levantei a cortina, e estava vazia. Era uma cortina grande, a tomar toda extensão da parede, e me meti nela à procura das caixas. Por fim, chamei a minha esposa.

- Onde estão as caixas que estavam ali? - Disse, apontando para o lugar.

- Aquele monte de lixo? - Olhei de soslaio para o meu amigo, ou ex, e emitia tremeliques e piscava os olhos nervosamente.

- Não era lixo, eram as pesquisas dele...

- Para mim, não faz diferença... Minha casa não é depósito! Coloquei tudo lá fora, para o lixeiro levar. - Deu-nos as costas e voltou às suas coisas.



Olhei para o amigo, ou ex, e ele estava branco como cera, os lábios arroxearam-se, e todo o seu corpo tiritava. Estava mudo e, por um momento, achei que fosse desmaiar.

- Sente-se aqui! - Apontei-lhe a poltrona. Ele, contudo, permaneceu de pé, e foi recuperando o controle aos poucos.

- Tem ideia do que fez?... O trabalho de toda uma vida... Assim, jogado no lixo?

Bem, ele poderia começar a viver de verdade, e largar aquelas baboseiras.

- Quem garante que os espiões e templários não levaram tudo?... E sabem que sou um inimigo?

Tentei acalmá-lo, sem sucesso. Ficou repetindo a coisa inúmeras vezes, como se dissesse para si mesmo e não para mim. De repente, voltou-se, me encarou e, carrancudo e sombrio, falou:

- Depois de todos esses anos, agora sei quem você é...

- Eu?!

- Sim, você.

- E quem eu sou?

- Tem me usado todos estes anos para espionar e roubar as mais sigilosas informações... Não passa de um traidor, um Judas!

- Espera, eu...

- Você é um deles! - Apontou-me o dedo, enquanto gritava a plenos pulmões. Não esperou resposta, deu-me as costas e saiu a trote porta afora.

Nunca mais o vi. Às vezes, ele me vem à memória, como agora, e fico a pensar se recuperou a sanidade ou se definitivamente, e para sempre, foi raptado pelos Klingons, pelos Romulanos, ou simplesmente está preso à camisa-de-força terráquea.



PAPO-CABEÇA



O ÉDEN PERDIDO

por Jorge F. Isah

“Este Lado do Paraíso” é um livro com o qual tinha grandes expectativas. Primeiro, porque Fitzgerald escreve de maneira fluída, envolvente e num ritmo quase que embalado pelo Jazz nos salões dançantes da “geração perdida”, entre passos frenéticos e quadris requebrados na velocidade de 24 quadros por segundo. O seu estilo está ali, já desde o primeiro livro, e por esse motivo, as expectativas se cumpriram.

Entretanto, a história me pareceu um emaranhado de pequenas histórias conectadas pela presença de Amory, o personagem principal. Não raro é possível se perder em meio à narrativa, e dispersar-se, pois não existe uma “continuidade”, ou melhor, sequência na temática apresentada. Mas é um livro inovador ainda hoje, imagina em sua época; com poesias, diálogos teatrais, cartas e formas de escrita que se mostram ousadas e entremeiam o texto (para alguns apenas experimentais sem muito controle), quase que jogadas aleatoriamente; eu disse “quase” e não quero dizer que foram. A impressão é de o autor possuir trechos diversos e os juntou no livro, criando uma ligação a partir do protagonista e uma narrativa central. Mas isso significa que o livro é ruim?... Longe disso!

O relato se baseia na vida de Amory Blaise, do nascimento até os seus vinte e poucos anos. É o re-

trato da geração dos anos 1920, em que a aristocracia rural dava lugar aos grandes industriais e investidores metropolitanos, onde a tradição perdia fôlego e as pessoas, de maneira geral, se viam desorientadas em meio aos dilemas existenciais que se apresentavam. Pois sim, se se quer tirar algo de um lugar e não deixá-lo vazio é necessário substituí-lo por “outro algo”, e nem sempre este “outro algo” significa aperfeiçoamento ou melhoria, muito menos progresso. As crenças, a fé, a esperança, se perdem em meio ao niilismo e ao absurdo de uma vida a desaparecer diante dos olhos e a necessidade de se enquadrar ou deslocar-se para outro padrão ou conceito, muitas vezes insuficiente para a paz e o alívio da alma, nem mesmo para a satisfação dos desejos.

Amory, como todo jovem idealista, cheio de vida e energia, é presunçoso, arrogante, cheio de si, disposto a deixar clara a sua superioridade intelectual e humana, sobrepujar os menos dotados e dominá-los, seja pelo discurso, seja pela posição social, seja pela autoridade e coragem de se impor, como um “iluminado” do seu tempo. Isso vai se arrefecendo à medida que o texto se desenrola, e temos, na parte final, um Amory confuso com o seu lugar na sociedade americana, mas certo de que as coisas, a partir daquele momento, não seriam mais as mes-

mas; ainda que não soubesse ao certo como se sucederia. Para quem nasceu na alvorada do séc. XX, viu o crescimento econômico americano, os costumes e a tradição se exaurirem diante do poder industrial e financeiro, do “modernismo” e quebra dos padrões morais e sociais (sem ser hipócrita, mas o homem que considera-se “livre” por beber até cambalear ou fazer sexo a torto e a direito, não reconheceu as correntes a apertarem seus pulsos); o domínio social sair das mãos dos intelectuais e das abastadas famílias tradicionais na direção de gente iletrada, ignorante, mas criativa o suficiente para mudar a direção e dar novos rumos à sociedade; o próprio fracasso e a incapacidade de produzir algo que justifique e sinalize para a sua genialidade, torna-o frustrado, amargo, cético, e um quase revolucionário. Ideias como as do socialismo, antes rechaçadas e vistas com desconfiança, assomam-lhe a mente a fim de encontrar no mundo a justiça incapaz dele próprio produzir. O que dizer dos amores desiludidos, de ver a sua amada trocá-lo pela segurança de um casamento conveniente e financeiramente vantajoso? Restar-lhe-ia, apenas e tão somente, lamuriar-se e odiar tudo e todos ao seu redor; e nada melhor do que autoproclamar-se “uma vítima da sua geração”.

“Este Lado do Paraíso” traz muitas reflexões; mas há quem as veja apenas para aquele tempo, como se o homem pudesse, ao pular gerações, fugir da própria fragilidade, da incapacidade de conduzir-se ao bem, encontrar a paz e a consciência por si mesmo. Não é o melhor Fitzgerald, mas está longe, léguas de distância, de ser um livro mediano e ruim, como muitos apontam. Também não é um livro para “se divertir”, gastar as horas como se estivesse assistindo um Masterchef ou The Voice. É um livro reflexivo, quase autobiográfico, no qual Scott desnuda e expõe as dúvidas, angústias e frivolidades do ser humano, em suma, a desgraça mesmo quando se supõe em triunfo e cheio de graça; com uma técnica ainda a ser burilada, mas suficiente para colocá-lo, já no longínquo 1920, entre os maiores escritores de sempre.

Avaliação: (***)

Título: Este Lado do Paraíso

Autor: F. Scott Fitzgerald

Editora: BestBolso/Record

Páginas: 352

A QUÍMICA DO AMOR

por Nádya Moreira Santiago

Muitos duvidam de a capacidade do humano amar. Aprendemos máximas como essa: “o homem é o lobo do homem”. Contra isso, temos legislações para regular as relações e proteger a fúria dos mais fortes. Paradoxalmente, o homem busca viver o amor verdadeiro, como aconchegar uma criança no colo, curtir a presença dos amigos mais fiéis, ajudar o próximo ou sentir o conforto dos abraços do(a) eleito(a) do nosso coração.

Nesse contexto, inclusive, muitos duvidam da possibilidade de o ser humano viver uma relação amorosa duradoura e com experiências positivas. Afinal, os casamentos duram em média de 10 a 15 anos no Brasil. E o pior: o segundo casamento costuma durar ainda menos. Para os pessimistas, tal estado de coisas é aterrador. Para outros, uma chance de recomeçar e ressignificar as experiências de dor.

O recomeço, embora seja desafiador, proporciona ao ser humano, além de autoconhecimento, a oportunidade de ressignificar o amor pelo ex-parceiro(a), ao desenvolver por ele ou ela a ternura e o respeito por uma história vivenciada em comum. Por exemplo, o ex-amante pode compartilhar experiências de dor com o outro, adverti-lo quanto às armadilhas da vida, vibrar amor e luz por ele ou ela com o sentimento exclusivamente fraternal.

Ademais, quando há frutos dessa história, como os filhos, os ex-amantes deverão trabalhar o ressentimento e a mágoa para cuidarem dos rebentos dos corações com toda a força do amor. Assim, um dos ex-amantes permite a inclusão do outro na vida dos filhos, de forma consciente e deliberada, honrando a condição dele ou dela de pai ou mãe, pois todos têm o direito de pertencer ao sistema familiar. Na verdade, como é uma lei natural, o amor apenas se transforma, segundo Lavoisier, um dos pais da Química moderna, pois o amor, como dito no seio popular, funciona como uma “química” entre dois seres que decidem amar.

Esse é o “X” da questão: para viver um novo amor, é necessário se permitir vivenciar novas experiências, mesmo com o medo de perder os privilégios da vida de solteiro(a) e de reviver frustrações.

Dessa forma, muitos se casam novamente, apesar dos números desoladores de divórcios. E, nessa sede por receber e doar afeto, muitos desejam recomeçar a vida ao lado de outro amante. Outros optam por ter mais filhos e aconchegar nos braços aquele novo ser pequeno e frágil. Ainda há os mais desprendidos que assumem os enteados como filhos do coração. Tudo isso ocorre porque não há limite para o amor, em que pese as previsões dos pessimistas e dos defensores da família tradicional, pois o amor não apenas se transforma, mas se amplia, ao oportunizar novas relações repletas de desafios.

Então, o amor é essa atração quase irresistível que une pessoas e moléculas, além de nos fazer reincidentes nas experiências do coração. Portanto, para finalizar essa reflexão, com reticências e não ponto final, pois sempre há uma nova oportunidade de recomeço, transcrevo o trecho da música “Eduardo e Mônica” do Legião Urbana “Quem um dia irá dizer, que existe razão nas coisas feitas pelo coração? E quem irá dizer que não existe razão”...

O AGENTE NICK

por James Blonde

Nick estava voltando para casa quando teve o seu veículo interceptado. Um carro passou na sua frente e fez um cavalo de pau bruscamente como se quisesse retornar no sentido contrário, mas parou a uma pequena distância. Um homem desceu com um objeto na mão e correu em sua direção, quando ele instintivamente engatou a ré e enfiou o pé no acelerador, até alcançar a esquina e conseguir fazer uma manobra de 180°, sem frear, coisa que a gente só vê em filmes de Hollywood.

Mas essa ação se passou no Brasil, no Rio de Janeiro, e o seu nome não é personagem de filme norte-americano: é um apelido que lhe deram na infância, que vem de Nicodemus, em homenagem ao seu avô. Ele tinha ódio desse nome, pois era nome de velho, e os meninos da escola ficavam atrás dele, com os dedos em pinça nos seus cabelos, falando “nick, nick, nick, nick”, mas o apelido acabou colando e ele preferiu usar esse, em vez do original.

Essa não teria sido a primeira tentativa de assalto que sofreu, e muito menos a última. O seu carro não era dos mais novos, mas no Brasil, até se você estiver andando na rua de Velotrol, espécie de triciclo de plástico muito usado pelas crianças dos anos 1970/80, corre o risco de ser assaltado. Para falar a verdade, basta sair às ruas com a roupa do corpo que você poderá sofrer um assalto, e voltar pelado para casa, isso se voltar.

Há muitos anos, foi noticiado o caso de um velhinho que foi abordado na rua por assaltantes, que depois de o revistarem completamente, perceberam que ele possuía uma obturação de ouro em um molar, e assim resolveram retirar o dente do coitado com um alicate. Assustado, e



mesmo não possuindo um dente de ouro, Nick passou a treinar com excessiva dedicação alguns golpes de Krav Magá que aprendeu na internet, e foi quando começou a ter delírios de que era um agente secreto em uma missão superultramega secreta, tão secreta que ele mesmo não sabia exatamente qual era essa missão, tampouco quais seriam os seus contatos, mas ficava sempre alerta, na esperança de, a qualquer momento, receber uma mensagem cifrada.

Passou a usar calças táticas com vários bolsos, onde sempre levava uma arma de choque Taser, uma estrela samurai e um canivete suíço, instrumentos teoricamente capazes de tirá-lo das situações mais difíceis. Para completar a indumentária, camisa de malha preta, um colete preto acolchoado e botas coturno, onde tratava de levar duas pequenas faquinhas de cortar laranja, uma de cada lado, junto às meias, e um binóculo. Mais tarde, conseguiu comprar em uma loja de pescaria uma réplica de pistola Colt, que utilizava gás comprimido e bolinhas de aço de 4mm, que podiam atirar 18 esferas em sequência.

Também tinha em casa um rifle com mira telescópica, com balas de chumbinho, e com ela subia no telhado, onde ficava acertando os pombos da região. Os vizinhos achavam estranho, mas resolveram não denunciar porque as aves provocavam um verdadeiro estrago nas fachadas dos prédios, além da sujeira que faziam nos pátios, nas cabeças e ombros das pessoas que circulavam





por ali, e ele acabava realizando um serviço comunitário. Mas todos percebiam que Nick ia enloquecendo gradativamente, e que um dia teriam que tomar alguma providência.

Sobrevivia da pensão deixada pelo pai, pois foi diagnosticado com uma doença mental ainda na adolescência, uma espécie de autismo em grau não muito avançado, mas que nunca permitiu que arranjasse um emprego, porque era visivelmente esquisito, e com a morte dos pais e o abandono dos irmãos, se virava sozinho em um pequeno apartamento herdado, que ficava em Copacabana.

Apesar de tudo, conseguia pagar as contas em dia, sabia fazer a sua comida, lavar e passar as suas roupas, e vez ou outra se dava ao luxo de almoçar em um restaurante que ficava a poucas quadras de sua moradia.

Olhando para ele, você diria se tratar de uma pessoa aparentemente normal, apesar da esquisitice, como muitos outros, desses que ocupam cargos em repartições públicas ou trabalham em pequenos e escuros escritórios de contabilidade.

Nick nunca namorou, ou melhor, nunca beijou, ou melhor ainda, nunca pegou sequer na mão de uma mulher. Apenas observava de longe aquelas belas espécies que passavam em frente ao seu prédio, vestindo saídas de praia transparentes, e na verdade se questionava a razão de vestirem aquilo, considerando que dava para ver tudo o

que havia por baixo, pois as mulheres estavam ficando cada vez mais ousadas em seu progressivo desnudamento.

Mas um dia aconteceu: quando foi na padaria da esquina, em uma manhã de outono, ficou atrás de uma jovem que contava algumas moedas, e desajeitadamente deixou que caíssem. Ele se baixou atrapalhadamente para ajudar, quando trombaram suas cabeças, e apesar da dor, olharam-se num relance, mas foi o suficiente para despertar em ambos uma paixão instantânea. Ela era tão tímida e inexperiente quanto ele, e também era esquisita: vestia umas roupas de tons e estilos que não combinavam entre si, e saía de casa apenas para comprar algumas coisas na vizinhança. Passava quase o dia inteiro estudando em seu quarto, com a porta fechada, não frequentava a praia, e a brancura da pele podia denunciar isso facilmente, ao passo que ele também não via graça na areia grudando nos pés, e preferia ficar em frente ao seu computador, dialogando em outras línguas (que aprendeu na internet) com seus contatos virtuais.

Não se sabe exatamente como aconteceu, mas conversando sobre pães, bolos e biscoitos, acabaram trocando suas ## do Instagram. Minutos depois já estavam se falando, ou melhor, se correspondendo pelo teclado, e naquele mesmo dia ela foi visitá-lo em seu apartamento, visto que moravam a uma quadra um do outro, e sem maiores formalidades e convenções, num ímpeto brutal e isento de ensaios performáticos, se amaram loucamente na cama sem lençol, manchada de suco de uva e restos de catchup e maionese.

(continua no próximo número)



A MULHER DO

A mulher do 171 não era velha nem nova, magra ou gorda, néscia ou sagaz, ágil ou lenta, nem alta nem baixa, preta ou branca, apenas uma pessoa comum, a passar quase despercebida em meio à multidão com a qual transitava diariamente pelas ruas, avenidas e praças da cidade. Havia porém uma particularidade a distingui-la das demais: a capacidade quase patológica de não perceber nada de agradável, encantador, benigno, generoso ou positivo em praticamente tudo. Se não havia destaque em suas características físicas e emocionais, havia de sobra amargura e pessimismo em seu espírito... Se o dia amanhecia ensolarado, de um azul profundo e límpido, não era raro ouvi-la dizer, após abrir a janela:

- Com certeza é prenúncio de chuva, e chuva das fortes!

Se via alguém dar esmola ou refeição a um mendigo, logo vinha-lhe a mente a ideia de não se dar peixe mas ensinar o pobre coitado a pescar. Mesmo que não houvesse rio, lagoa ou mar nas proximidades da cidade e o próprio ato de pescar fosse algo impossível na região, dava de ombros e largava um muxoxo em alto e bom som, a fim de notarem seu desagravo.

- Deixa de ser bobo, menino! Quando eu disse “ensinar a pescar e não dar o peixe” era uma metáfora, uma figura de linguagem, de não se dar dinheiro, antes ensinar a pessoa a trabalhar, oferecer um ofício para se sustentar, não apenas um dia mas por toda a vida.

Examinava-a desconfiado, e pensava ser apenas uma fuga a justificar-se, a impedi-la de qualquer auxílio, e largar o desvalido ao completo abandono. Era a maneira avarenta dela evitar perder o seu dinheiro, por mais irrisório que fosse, e afastar-se de qualquer atitude a confundi-la com uma altruísta ou filantropa, de demonstrar a qualquer que seja o mínimo aspecto de generosidade, e assim não se vir obrigada a nenhum tipo de caridade, e afastar pedintes e necessitados de todas as ordens distante dos bolsos e do coração.

- Isso é estímulo à vagabundagem! - dizia com os olhos vidrados, nervos e veias da face intumescidos pela ideia de dividir levemente algo do qual se apegava à ferros. Fazia parecer um princípio, um juízo a se abraçar convicta, mas aos meus olhos e de outros era pura mesquinharia. Não parecia se importar em ouvir aqui e acolá os cochichos quanto ao seu pão-durismo, famoso nos arredores e da consciência geral. Por isso, ninguém se atrevia a lhe pedir nada. Alguns evitavam até cumprimentá-la, já que também não era dada aos desperdícios verbais, guardando-os para os instantes apropriados e cruciais; como quando me estendia em nossas con-



versas, ocorridas quando precisava de uma ajuda: arrastar um móvel, trocar uma lâmpada ou mudar um vaso de lugar, se dispunha a falar com a autoridade de um sargento diante do pelotão.

- Jesus disse para dar a quem pedir, e não voltar-lhe as costas... - Disse, na esperança de fazê-la ao menos pensar naquelas palavras.

- Ora, ora, meu garoto, você está se comparando a Jesus? - Eu tinha quase vinte anos, estudava engenharia elétrica, trabalhava em uma das maiores construtoras do país, e ela insistia em chamar-me daquele jeito, como se ainda fosse um pirralho.

- Não, claro que não...

- Então deixe de usá-lo como muleta, e encare a realidade: Jesus é Jesus, o Filho de Deus, enquanto você não passa de um garoto, filho da dona Ruth.

- Mas...

- Chega de mas, e me ajude com essas compras.

Peguei as sacolas em ambas as mãos, enquanto ela atravessava a porta, e sequer escorou-a para eu passar. Ainda bem que tenho as pernas longas, e estiquei a esquerda, aparei-a com o pé, e mantive-a aberta com o ombro, o suficiente para entrar.

Por mais que a considerasse excêntrica, oportunista e antipática, mantínhamos relações desde a minha mais tenra idade, e minha mãe sempre me dizia para ser bondoso com ela e com todas as pessoas, pois não devia pagar com a mesma moeda os erros alheios. Se era rude, eu deveria ser cortês e gentil. Se era impiedosa, deveria ser o mais benigno possível. Se era indelicada, não havia outra opção a não ser agradável, e por aí afora. Então, aquela senhora se tornou alvo dos meus melhores pensamentos, ainda que estivessem misturados aos desejos, em sua maioria, de xingá-la e apedrejá-la. Com o tempo, criamos uma certa cumplicidade, especialmente quando esteve doente e eu revezava junto com a minha mãe e a minha irmã em seus cuidados durante algumas semanas de convalescência, já que não tinha família ou amigos por perto; na verdade, não sei se mesmo ao longe... nem se teve, algum dia.

Então, resolvi presentear-lhe, no seu aniversário, com um buquê de rosas, lírios e margaridas; me pareceu a melhor hora para retribuir, seja lá o que imaginasse devedor... bem, não sabia ao certo o

que, se havia algo a ser recompensado, entretanto, nutria o sentimento íntimo de agradá-la, mesmo sendo uma missão deveras difícil, quase impossível. Levei dias para me decidir, até perguntar a mim mesmo: o que haveria de perder que ainda não tinha perdido?... Mande entregar, juntamente com um cartão de felicitações, o mais caro arranjo. À noite, fui até lá, depois de chegar do trabalho, para dar um abraço pessoalmente. Minha mãe já havia ido, e me disse que eu teria uma surpresa. Não entendi o sorriso perspicaz dela, parecia estar de conluio com a aniversariante, a fim de me pregar uma peça; mas não quis adiantar nada.

- Vai, vai lá!... Ela está esperando... – E seguiu-se um riso meio zombeteiro, meio infantil, meio carinhoso, meio enigmático. Fiquei de sobreaviso, enquanto atravessava a calçada.

Bati à porta. Ela abriu-a daquele jeito meio brusco, meio rápido, meio surpresa.

- Você?!...

- Vim dar os parabéns...

- Ah, sim. Obrigada. Entra.

Lá dentro, vasculhei as mesas e criados à procura de um jarro e o arranjo de flores. Não havia nem sinal. Ela abriu a geladeira, pegou uma Coca-cola, serviu-me e também uma fatia de bolo.

- Foi surpresa da sua mãe... Não precisava... Disse que podia levar de volta, mas ela insistiu... O que ela pensa? Em me engordar?

Ri, mas ela me olhou com aquele jeito impaciente, a denunciar a minha incapacidade de compreender ou captar a gravidade da situação. Peguei o copo e o garfo, baixei a cabeça, e abster-me de encará-la.

- Quer mais? – Não esperou resposta, e tacou outra fatia, ainda mais grossa no prato recém vazio. Completou o copo de refrigerante.

Resolvi perguntar, depois de ruminar bastante, e me encher de coragem:

- Recebeu... as flores?

- O que disse, menino? Sabe que não se deve falar



com a boca cheia?

- Desculpe... – Engoli rapidamente o bolo, e repeti:

- Recebeu o buquê?

- Ah, sim... Mas até agora não sei por que comprou aquela coisa, sabe que elas vão murchar e morrer em dois dias, não sabe? É dinheiro jogado fora.

Depois dessa, levantei-me e me despedi, largando um pedaço de bolo no prato e o copo pela metade.

- Boa noite! É hora de ir... Tenho de acordar cedo e estudar para a prova de cálculo, antes de sair pro trabalho... Ah, parabéns de novo.

- Não quer terminar o lanche?...

Saí sem resposta. Antes de chegar à porta, ouvia-a dizer:

- Se queria me dar um presente, por que não me deu o dinheiro das flores?... Seria muito mais útil...

Pensei nos tesouros que se acumulam, nos bens, poses e joias, e nada servem na hora da morte. Enquanto as flores podem, ao menos, adornar e levar algum cheiro de vida ao defunto... Existem os vivos, os que viverão para sempre, e os que, como a moradora do 171, veem a vida apenas como o esconderijo da morte. E não sabem como fugir dele.

um conto de **Jorge F. Isah**



Óptica Metrôpole - Rua da Bahia, 1052 – A - BHZ - 31 3226-3212
opticametropole@gmail.com

A SOGRA QUE TE PARIU

Nesta coluna procuro sempre falar de filmes não muito novos, normalmente exibidos à exaustão em canais por assinatura, quando tento ajudar os telespectadores a não perderem o seu precioso tempo assistindo essas porcarias, mas desta vez resolvi falar de um seriado, lançamento da NETFLIX, sob o título “A Sogra que te Pariu”, com Rodrigo Santana, humorista que ficou famoso no programa Zorra Total, exibido pela Rede Globo.

Rodrigo despontou com o personagem Admilson, um incorrigível mulherengo que fazia dupla com Lady Kate (Katuscia Canoro) e em seguida explodiu com uma personagem histérica, Valéria Vasques e sua amiga Janete (Thalita Carauta), para depois emendar com a série “Os Suburbanos”, que antes havia sido levado por ele no teatro, com muito sucesso, e revelou, na TV, o talentoso ator Babu Santana. Faço uma pausa para elogiar o raro talento das duas atrizes anteriormente citadas, excelentes comediantes, mas que não sei por onde andam.

Será muito difícil alguém conseguir passar dos dez minutos iniciais de “A Sogra...”, onde Rodrigo parece tentar se inspirar, de um jeito desanimado e cansativo, na personagem de Paulo Gustavo em “Minha Mãe é uma Comédia”, que, confesso, nunca gostei, e digo isso mesmo sabendo que muita gente vai dar chlique, pois o falecido comediante era considerado quase uma unanimidade.

Ambientado em uma confortável mansão, numa artificialidade que se assemelha ao “padrão Globo de qualidade”, onde mora o filho e a nora da tal sogra, papéis interpretados por um casal bonitão e sarado, mas que não consegue ser nada engraçado, que em nada combina com a sogra/traveco que tenta se passar por suburbana. Para piorar, inseriram no contexto uns jovens atores que interpretam os papéis dos filhos, que não conseguiriam tirar a risada de uma hiena bêbada.

O papel vivido por Rodrigo Santana é chato, muito chato, e seria menos pior se fosse interpretado por uma atriz mais madura e experiente, como Regina Casé, ou qualquer outra, pois são tantas que estão desempregadas, principalmente após a pandemia, mas ele insiste em inserir algumas de suas “tiradas de bichas” de seus antigos personagens, achando que é o suficiente para as pessoas se contorcerem de rir; porém, faz tudo com extremo desânimo, e o texto em nada colabora, pois parece ter sido escrito pela mesma equipe que roteirizava o extinto programa da Zorra em sua pior fase, criando um ambiente sofisticado, asséptico e absolutamente artificial.

Não há dúvida que Rodrigo Santana é um excelente comediante, um dos melhores da atualidade, mas o papel não é para ele. E o roteiro é definitivamente ruim. Ao analisar um programa como esse, podemos profetizar que, seguindo essa linha, o humor brasileiro será, em breve, sepultado, sem direito a velório.

Apesar da coluna se chamar “Spoilers”, desta vez foi impossível assistir até o final. Fico devendo essa.



CONVERSA DE CRENTE

por Michel Salomão



Conforme mencionei da última vez, existem muitos cristãos que acabam assustando os seus ouvintes com a sua visão aterrorizante do inferno, quando poderiam aproveitar para falar da beleza do céu e do sentimento de paz proporcionado pela salvação.

“Se você não acreditar em Deus, se não aceitar Jesus AGORA, vai arder no inferno”. Calma, meu jovem evangelizador! Primeiro fale sobre a história bíblica, fale de Moisés, de Abraão, de Isaque e Jacó. Depois fale sobre a vinda de Jesus, dos seus milagres e da possibilidade da aplicação de seus ensinamentos em sua vida.

Poderia ser uma simples questão de “marketing”, mas também haveremos de concordar que não se deve omitir a existência do mal, do diabo, geralmente personificado em uma figura de pele e roupas vermelhas, com chifres, rabo pontiagudo e tridente nas mãos, mas que, na verdade, pode aparecer com um visual bem mais atraente, pois é especialista na arte da enganação. Acontece que não se pode dar a ele maior destaque do que a Deus, o Criador, e muitos religiosos ignoram isso quando fazem propaganda grátis para o outro.

“O mundo jaz no maligno”. Você já deve ter ouvido esta frase, e talvez nem saiba que está na Bíblia. O que significa isso? Neste planeta, o diabo deita e rola. Certa vez, vi uma fabulosa tirinha de jornal do “Calvin e Haroldo”, aquela do menino que sempre conversa com seu tigre de estimação, personagens criados pelo talentosíssimo cartunista Bill Watterson, em que comenta que “inferno é estar em um lugar cheio de máquinas de fliperama e não ter fichas para jogar”.

O diabo é um sedutor, promete poder, riquezas, fama, sucesso, prazeres, e assim consegue “fisgar” aquelas pessoas com caráter mais abalado, dá uma pequena amostra do que promete, mas depois tira tudo de uma só vez e leva a alma junto.

Tem muita gente que vive uma vida de aventuras erradas e que, quando não “canceladas” prematuramente por conta de seus abusos, amargam uma velhice horrível e, não raramente,

procuram recorrer a técnicas de autoextermínio ou à eutanásia para encerrarem a sua vazia passagem pela terra. Assim é a vida sem Deus.

O problema é que existem igrejas que acabam atrapalhando o processo de evangelização, quando assustam os “curiosos” com seus espetáculos de qualidade duvidosa, isso quando não inventam de venderem pedaços da cruz, frascos contendo água do Rio Jordão, recipientes com pequenas porções da Terra Sagrada, fragmentos do Santo Sudário, entre outros itens bizarros.

E tem também a “moda gospel”, que vem conquistando celebridades que prontamente passam a se autoproclamar cristãs e gravam músicas gospel, publicam livros de “autoajuda gospel”, vendem camisetas e acessórios gospel, e tudo isso movimenta muito dinheiro gospel, mas o real objetivo desses, com algumas exceções, é tão somente ver a cor da “verdinha”, e foi exatamente por esse motivo que Jesus expulsou os comerciantes do templo, que exploravam o lucrativo negócio da fé (Mateus 21:12).

Na verdade, não devemos nos prender a esses exemplos. Não devemos ficar só por conta de criticar, mas precisamos fazer a nossa parte, procurando influenciar positivamente as pessoas ao nosso redor, demonstrando bom caráter, uma fé fortalecida e o nosso modelo de transformação, independente de como foi o nosso passado, ou os pecados que cometemos antes de nossa verdadeira conversão.

Na verdade, ser cristão pode não ser assim tão fácil quanto parece. Jesus disse que não veio para revogar a Lei e os Profetas (o nome dado ao Velho Testamento), mas demonstrou que as regras podem ter ficado ainda mais severas, quando falou que antes era proibido matar, mas que, doravante, aquele que apenas chamar o seu irmão de tolo pode estar sujeito ao fogo do inferno. Com relação ao adultério, disse que todo aquele que olhar para uma mulher com intenção impura já terá adulterado. Mas também falou do perdão, quando Pedro lhe perguntou quantas vezes teríamos que perdoar o pecado de um irmão (sete vezes?), e lhe respondeu Jesus: “setenta vezes sete”. E disse ainda que aquele que julgar o próximo será julgado na mesma medida.

Com relação às prescrições contidas na antiga Lei, acerca do costume de se lavar as mãos antes de comer, Jesus sabiamente falou que “o que contamina a pessoa não é o que entra na boca, mas o que sai da boca”.

Jesus pregava o amor, a generosidade, a fraternidade, a não reatividade, a conciliação, coisas que cada vez mais ficam difíceis de praticar nos dias de hoje, principalmente nas grandes metrópoles, onde a proximidade de um desconhecido pode representar grande perigo, e assim as pessoas se afastam, pois não querem correr riscos, fecham as portas e o coração para os necessitados e o relacionamento entre as pessoas acaba prejudicado.

Porém, o cristianismo se baseia na ajuda mútua, na vida comunitária, na solidariedade. Os cristãos primitivos saudavam aqueles que visitavam, dizendo: “a paz esteja nesta casa”. Promover a paz deveria ser o maior de nossos objetivos, pois não há nada melhor do que dormir em paz, acordar em paz, sair para o trabalho, para a escola, para as compras e também para a igreja, e retornar para casa em paz.

Jesus reprovava exibicionismos e excessos, e dizia: “quando orarem, não sejam como os hipócritas que gostam de orar em pé nas sinagogas e nos cantos das praças, para serem vistos pelos outros”, “mas, ao orar, entre no seu quarto e, fechada a porta, ore ao seu Pai, que está em secreto. E o seu Pai, que vê em secreto, lhe dará a recompensa”. E ainda: “e, orando, não usem vãs repetições, como os gentios; porque eles pensam que por muito falar serão ouvidos”. “Quando forem jejuar, não fiquem com uma aparência triste, como os hipócritas; porque desfiguram o rosto a fim de parecer aos outros que estão jejuando” (Mateus 5:5-7 e 16).

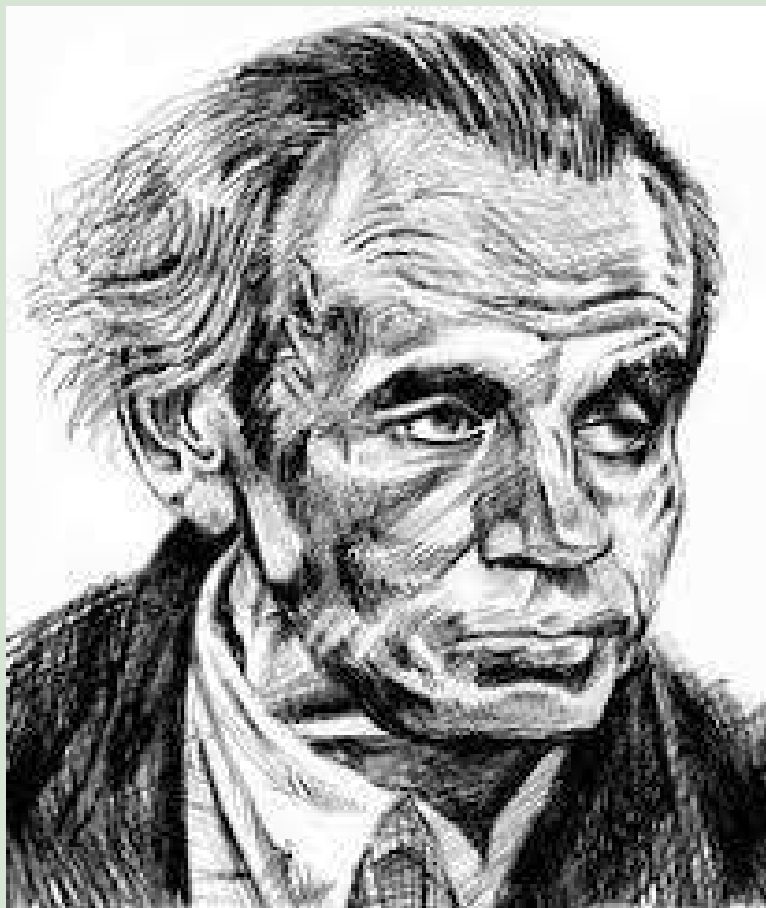
Jesus também prescreveu como seria a mais simples das orações: “Pai nosso que está no céu, santificado seja o seu nome, venha o seu Reino, seja feita a sua vontade, aqui na terra e também no céu; dê o nosso pão de cada dia; perdoe as nossas dívidas assim como perdoamos aos nossos devedores; não nos deixe cair em tentação, mas livra-nos de todo mal; porque seu é o reino, o poder e a glória para sempre, amém”. A partir daí, porém, você poderá desenvolver a oração da forma como quiser, com naturalidade, mantendo uma conversa direta com Deus, e ele responderá, mesmo que demore um pouco, podendo fazer isso por sinais, por pessoas enviadas, por sonhos.



Existe muita gente que enfrenta situações bem mais difíceis do que as nossas, mas a conversão há de mudar essa perspectiva, pois o cristão passa a perceber um alívio quase imediato, principalmente com relação à ansiedade, que potencializa o sofrimento, e é por isso que podemos ser úteis, levando graciosamente a essas pessoas uma palavra de esperança, de consolo.

“Alegrem-se com os que se alegram e chorem com os que choram” (Romanos 12:15). A igreja não foi feita exclusivamente para o choro. É também um lugar de alegria, de agradecimento pelas graças recebidas, pelos milagres.

Já o quebrantamento é uma condição para se conversar com Deus, para o qual se faz necessário humilhar-se, zerar o orgulho, a arrogância e a prepotência, com o objetivo de ter uma conexão direta e um pedido atendido, mas falarei sobre isso no próximo número. Por hora, gostaria de citar o Salmo 122, que assim proclama: “alegrei-me quando me disseram: ‘vamos à Casa do Senhor’”.



LOUIS-FERDINAND CÉLINE: O “GAIATO” MALDITO E GENIAL!

Em 1982, por causa de uma crítica no caderno literário (ou cultural, sei lá), da extinta Revista Veja (se não morreu definitivamente, deve ser um defunto em decomposição, ao menos quando a li pela última vez), ouvi falar de um certo Louis-Ferdinand Destouches, ou mais adequadamente, Louis-Ferdinand Céline ou Céline para os íntimos. Neste ponto, deve-se ressaltar que a troca dos sobrenomes Destouches para Céline ocorreu pelo desprezo ao pai e o apreço e carinho pela avó; desta maneira, desfazia-se do passado doloroso, triste e rude, especialmente na infância, e adotava algo a remetê-lo aos poucos momentos de afeto e que talvez esperasse reencontrá-los no futuro.

Entretanto, não foi bem assim; muito do inclemente e hostil relacionamento com os pais, professores, colegas e outros projetou-se exponencialmente nos anos que se seguiram. Para não atropelar os eventos cronológicos, voltarei à questão inicial.

Pois bem, no início dos anos 1980 a editora Civilização Brasileira publicou em terras tupiniquins a obra “Morte a Crédito” (o título me deixou hipnotizado), segundo livro do autor. Eu desconhecia Céline quase completamente, mas me lembro de, anos antes, ler a respeito das influências de Henry Miller e o seu nome apareceu com moderado crédito. Não sei a razão do nome ter se fixado na memória, apesar de transcorridos três ou quatro anos; entretanto, ali estava, diante de mim, alguém

cujo nome não era totalmente estranho, mesmo sem entender o porquê de ele ter sido abrigado no subconsciente, de um jeito involuntário mas proposital. Nisso consistia a minha conexão com Céline, não a partir dele mesmo, mas de Miller.

Instigado pelo artigo da revista (não me lembro o nome do crítico a fazê-lo), fui até uma livraria, não sei se Leitura, Acaiaca ou Nobre, presumivelmente uma delas, sem a convicção de sê-lo, e comprei o exemplar recém lançado. Tinha em mãos o livro do escritor maldito, como o crítico o identificara, e nada melhor para um jovem com delírios reformistas do que alguém ou algo acompanhado da alcunha “maldito”. Era instigação e afetação em estado puro, quero dizer, não tão puro, meio viciado meio turvo, um pouco deficiente outro tanto falso, mas jamais insincero ou fingido (via de regra, não representa nada; ao menos me isenta da alcunha de hipócrita ou desonesto). Lembro-me de ser um dos primeiros livros comprados, já que a maioria das minhas leituras se restringia aos empréstimos da Biblioteca Pública de Minas Gerais... Não são, contudo, as minhas reminiscências o objetivo deste texto, mas contar um pouco do autor. Vamos a ele, então:

Céline nasceu em 1894, em Coubervioie, espécie de distrito na periferia de Paris, à margem esquerda do rio Sena. Filho de um corretor de seguros, era de classe média-baixa, e teve uma educação básica,



sem destaque ou grandes expectativas. Estimulado pela avó, foi à Saxônia (Alemanha) e Inglaterra, por volta de 1908, estudar línguas. Em 1912 alistou-se no exército francês para, dois anos depois, lutar na I Grande Guerra, aos vinte anos, no 12º regimento de cuirassiers. Distinguiu-se em várias operações, muitas de alto risco, recebendo uma condecoração: a medalha militar em 1914, e posteriormente a Cruz de guerra, até ser ferido gravemente no braço e receber um tiro de raspão na cabeça, o que gerou um Tinnitus (o famoso “zumbido” no ouvido) a carregar por toda a vida. Considerado inválido, deu baixa no exército em 1915, e afastou-se definitivamente do conflito europeu.

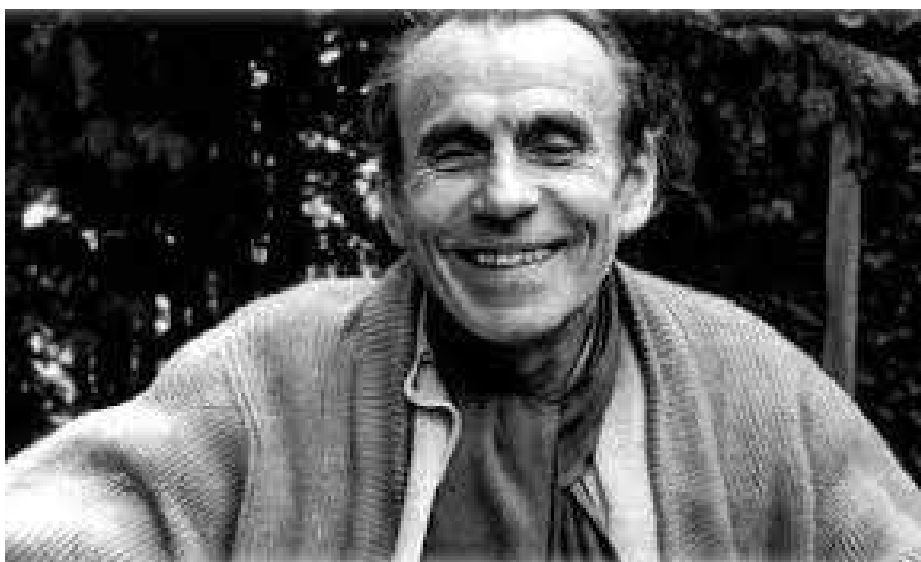
Em 1916 foi para Camarões a trabalho numa madeireira, onde contraiu malária e desintéria, motivos a fazê-lo retornar à França para tratamento (1917). Concluiu o ensino médio em 1919, e casou-se com Edith Follet, filha do diretor da escola de medicina, onde começara seus estudos universitários, e com quem teve a única filha, Colette, nascida em 1920. Dois anos depois, licenciou-se em medicina, defendendo a tese sobre os trabalhos do médico húngaro e sanitarista Ignaz Semmelweis, nascido em 1818 e falecido em 1865 (o livrinho “A vida e obra de

Semmelweis” foi publicado pela Cia. das Letras, e, como praticamente toda a obra de Céline traduzida no Brasil, encontra-se fora de catálogo). Em 1924 tornou-se clínico em Rennes. Após um ano, decidiu abandonar a família e trabalhar para a Liga das Nações, sempre em viagens pelo mundo, quando conhece a América, Canadá e Cuba. Em 1928 retorna a Paris e abre um consultório em Montmartre. Por volta de 1931 começa a se dedicar à escrita (aos 37 anos), e são desta época os primeiros esboços e páginas do livro que o consagraria mundialmente, “Viagem ao Fim da Noite”, lançado em 1932, e que ganharia o renomado prêmio nacional Renaudot. Obra de cunho autobiográfico, relata as aventuras e desventuras de Ferdinand Bardamu durante a I Grande Guerra, dos suburbios parisienses à miséria da África Colonial, e daí para a América incrivelmente mecânica e rica, pós conflito. O tom do livro é niilista e nitidamente antropofóbico; uma aversão especial e bárbara à humanidade, suas instituições e a vida em geral. Para ele, existir era algo completamente absurdo, cruel e, por isso, digno do seu desprezo e ódio. É triste, pessimista, e quase nada de bom pode se ler, não raro nos deparamos com incursões cínicas, de humor cáustico e mordaz, em uma linguagem coloquial, cheia de gírias e palavrões, embaladas por uma erudição estilística meticulosa e perceptível; artefatos utilizados com maestria para ressaltar explicitar



o seu furor quase patológico contra a sociedade (hoje, passados quarenta anos, não sei se suportaria a leitura de Céline, realmente não sei. Preciso voltar a elas, e avaliar se tudo aquilo percebido nos longínquos anos 80 persiste encantando-me ou ser-me-á insuportável).

Erroneamente, muitos o reputaram como um autor esquerdista, e logo se tornou uma celebridade nesses ambientes, ganhando a simpatia, elogios e publicidade de Sartre e Beauvoir, por exemplo, da mulher de Louis Aragon, a russa Elsa Triolet (Ella Yuryevna Kagan, de origem judia), que traduziu a obra para a sua língua mater-



na. Stálin também o considerou seu livro de cabeceira. E Trotsky não ficou atrás. Com tanta receptividade entre os marxistas, nada mais natural do que receber o convite para uma visita à URSS. Ao voltar, indignado com o que vira, escreveu o manifesto “Mea Culpa”, em que desanca o comunismo sem dó ou piedade, não deixando pedra sobre pedra, revelando toda a sua decepção com o estado geral daquele nação. A partir de então, os antigos “aliados” voltaram-se contra ele e jamais o perdoaram por seu líbelo anti-soviético.



Em 1936 lançou “Morte a Crédito”, escrito ficcional mas de cunho também autobiográfico como “Viagem ao Fim da Noite”, utilizando-se dos mesmos recursos estilísticos aplicados anteriormente, e de certa forma aprimorados, onde descrevia a infância caótica do protagonista. É deste período o abuso do uso de reticências, de frases soltas, aparentemente desconexas, mas a imprimir no absurdo e sofrimento uma continuidade quase infinita... uma amargura sem fim.

Entre 1938 e 1941 lançou três panfletos antissemitas, nos quais se considerava “o maior inimigo dos judeus”. Isso lhe trouxe a pecha de maldito e também, pelos “méritos” do antigo admirador Jean Paul Sartre, o rótulo de colaboracionista com o Nazismo. Na verdade, Céline além de algumas entrevistas insanas, um ou outro artigo de jornal, nada fez diretamente que apoiasse o Nazismo e sua máquina de guerra. Para um escritor antimilitarista e flagrantemente contra as guerras e suas atrocidades nem em pensamento era de se supor o apoio à essa “causa perdida”. Muitos escritores taxados de colaboracionistas por gente como Sartre e Beauvoir foram linchados publicamente (o editor de Céline teve esse fim), cometaram suicídio (como Drieu La Rochelle), e outros como Malraux, Gidé e Du Gard tiveram suas reputações destruídas por acusações infundadas. O fato era que, como a maioria dos intelectuais franceses, Céline queria apenas continuar a escrever, publicar e receber os seus direitos autorais.

Quando eclodiu a II Grande Guerra, Céline tentou de todas as maneiras convencer os franceses a não entrarem em outro conflito mundial. As lembranças brutais ainda impregnavam as suas retinas, e não desejava ver a nação em novo confronto onde não haveria vencedores. Mesmo assim, alistou-se como médico voluntário em um navio francês, posteriormente afundado pelos nazistas. Na verdade, dotado de mente inquieta, odiava tanto alemães como aliados; para ele eram ambos porta-vozes de tragédias, destruição e morte.



Próximo do fim da guerra, partiu em uma viagem de fuga à Dinamarca, e os relatos podem ser lidos na trilogia “De Castelo em Castelo”, “Norte” e “Rigodon”, livro póstumo e inédito no Brasil. Na companhia da esposa Lucette e do gato Bérbert (seus fiéis e inseparáveis escudeiros), foi para o exílio salvar-se da prisão e da morte, pois já havia sido condenado publicamente. Perdeu todos os bens, confiscados pelo governo, e viveu até a morte na penúria. Morou vários anos em Copenhague, conseguindo livrar-se da extradição, mas passou um ano e meio na cadeia. Anistiado, voltou em 1951, clínicando para uma freguesia paupérrima em Meudon, na casa onde viveria até a falecer, em 1961, vítima de aneurisma.

Céline é das figuras mais complexas e inexpugnáveis da literatura no século XX. Odiado por uns, amado por outros, há aqueles que conseguem distinguir o homem da sua obra, mas também aqueles que desprezam a obra pelo desprezo ao homem. De pensamento e posições contra-



ditórias, alinhavá-lo ou melhor enquadrá-lo em algum grupo e sistema é praticamente impossível. Havia tão somente ele, o gênio criador e a criatura bestial, uma espécie de Dr. Jackyll e Mr. Hyde, onde frases minuciosamente escritas, a amálgama do erudito e do vulgar, da poesia e sonoridade musical, do furor e tristeza, da ira e o humor ousado, atrevido, fez dele, ao mesmo tempo, um autor admirado e desprezível, amado e detestado, condenado e absolvido, em cuja obra se misturam realidade e ficção, sem medidas exatas, sem proporções definidas; a dignidade literária contrastando-se ao palavreado cotidiano. Certamente, muitos dos seus inimigos não podem, nem poderiam, tirar-lhe os méritos literários; era admirado e citado como referencia por inúmeros autores: Henry Miller, Bukowski (e por tabela toda a geração beat), John Updike, Joseph Heller, Pedro Juan Gutierrez, Philip Roth (que afirmou: "na França, meu Proust é Céline"), entre outros. Não esqueçamos da banda "The Doors" que compôs a música "End of the night" influenciada pelo trabalho do Dr. Destauches.

Antes de morrer, distante do inseparável Bérbert que havia partido, Céline perguntou a sua mulher, Lucette: "Por que escrevo?". E, no mesmo átimo, respondeu a si e a quem pudesse ouvir: "Para tornar os outros escritores ilegíveis." E assim, de alguma maneira, ele se despediu deste mundo como sempre viveu, um "gaiato" a provocar censuras mas também aplausos efusivos.



FRASES

de Céline

"Eu nunca votei na minha vida... Sempre soube e entendi que os idiotas são a maioria, então é certo que eles vão ganhar."

"Confiar nos homens é já deixar-se matar um pouco."

"A pura verdade, devo admitir, é que nunca estive realmente bem da cabeça."

"A tristeza do mundo tem maneiras diferentes de chegar às pessoas, mas parece ter sucesso quase todas as vezes."

"Ser médico é uma tarefa ingrata. Quando é pago pelos ricos, corre o risco de ser considerado como um criado, quando é pago pelos pobres, um ladrão."

"Estar sozinho é treinarmo-nos para a morte."

"Uma cidade desconhecida é uma coisa boa. Essa é a hora e o lugar em que você pode supor que todas as pessoas que conhece são legais. É hora dos sonhos."

"Quando não se tem imaginação morrer é pouca coisa, quando se tem, morrer é demasiado."

"Não há tirano como um cérebro."

"Tudo se expia, tanto o bem como o mal, cedo ou tarde se pagam. O bem é mais caro, forçosamente."

"A alma é a vaidade e o prazer do corpo são."

"O começo da genialidade é ficar com medo de merda."

"Quanto à beleza, pelo menos sabemos que acaba por morrer, e por isso, sabemos que existe."

"Não existe vaidade inteligente."

"Meu problema é a insônia. Se eu sempre tivesse dormido direito, nunca teria escrito uma linha."

"A experiência é uma lâmpada fraca que só ilumina quem a carrega."

"A verdade é uma agonia sem fim. A verdade deste mundo é a morte. É preciso escolher: morrer ou mentir. E eu nunca me consegui matar."

"Não é porque ela fosse feia, não, ela poderia mesmo ser considerada bonita, como tantas outras, mas era tão prudente, tão desconfiada que parava à margem da sua beleza, como à margem da vida."

"A melhor coisa a fazer quando você está neste mundo, é sair dele. Louco ou não, com medo ou não."

"É dos homens, e apenas deles, que se deve sempre ter medo."

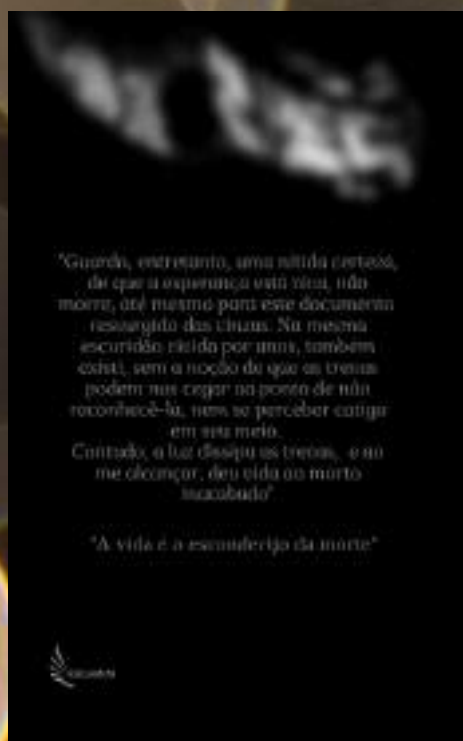
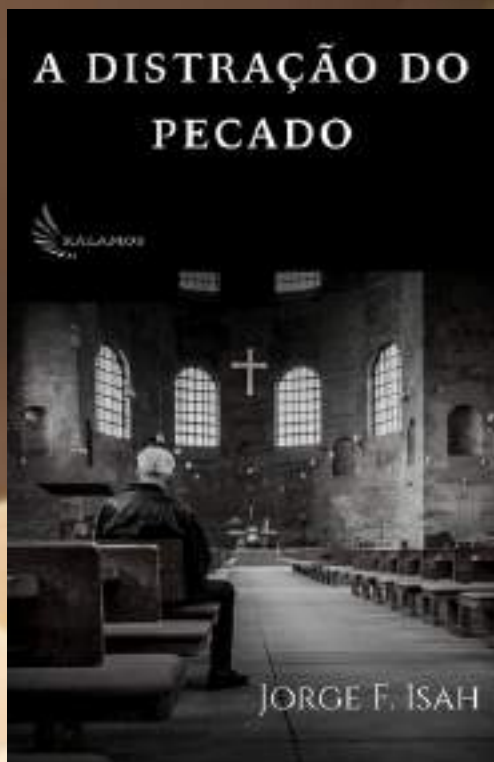
"Muitos homens são assim, suas inclinações artísticas nunca vão além de uma fraqueza por coxas bem torneadas."

"Quando se torna realmente impossível fugir e dormir, então a vontade de viver evapora por conta própria."

"Você pode se perder tateando entre as sombras do passado."

TÍTULOS À VENDA

acesse www.kalamos.com.br



É MENINO OU MENINA?



O casal foi ao consultório fazer o exame pré-natal, pois em breve teriam um bebê, e ao final da consulta fizeram a pergunta de praxe: é menino ou menina?

- Menine – respondeu a médica, que era formada em uma Universidade Federal e tinha umas mechas de cabelo pintadas de azul.

- Como assim? - perguntou a mãe, preocupada - A criança apresenta alguma deformidade?

- É uma criança! Posso dizer apenas isso... - respondeu a médica.

O pai, logo percebendo a jogada, ironizou.

- “Ume criance”, você quis dizer...

- Aí vou ter que consultar o manual do Partido, ou melhor, da ortografia médica... - disse ela, preocupada.

- Você é uma mulher ou um homem? - perguntou a esposa, já começando a se irritar.

- Um ser humano.

- Ume ser humane, você quis dizer... - completou a esposa.

- Assim vocês estão me deixando confusa... ou confuso... - respondeu a médica, iniciando uma série de tiques nervosos.

- Só queremos saber o que tem entre as pernas dessa criança! - disse o marido.

- Não importa! - respondeu a médica, abalada - Se eu lhes dissesse o que tem entre as pernas desse ser em formação, vocês imediatamente iniciariam uma repulsiva doutrinação, comprando roupas azuis ou rosas para definirem o seu perfil opressor ou oprimido.

- Se eu lhe mostrar o que tenho entre as pernas, o que você diria?

- Eu chamaria a polícia!

- Qual o problema? Afinal, gente como você defende que os banheiros devem mistos... - disse o marido.

- Vocês estão me constrangendo. Vou processá-los... - disse a médica, quase chorando.

- Pois nós é que vamos processá-la! - disse a esposa - Temos o direito de saber o sexo do bebê.

- Jamais! Nem que tenham que passar pelo meu cadáver! - bradou a médica.

- Cadáver, você quis dizer - corrigiu o marido.

- Vamos embora, amor - disse a esposa ao marido - Vamos procurar uma outra médi... um outro médi... ah, sei lá o quê! Vamos embora!

- Tenhe une bone die. E vá à merde! - finalizou o marido.



ÊITA CARRO MENTIROSO!

A indústria automobilística brasileira sofre da “síndrome do Zorro”. Sei que a maioria dos leitores não teve a oportunidade de assistir a antiga série de TV que foi exibida no Brasil a partir dos anos 1960, ambientada na Califórnia, que trazia Guy Williams (foto) no papel do lendário “Don Diego de La Vega”, um homem comum que, apesar de ser o mais alto da cidade (tinha 1.93m) e ter um bigodinho absolutamente pitoresco que apenas ele usaria, após colocar uma máscara nos olhos, que nem a da Tiazinha (Suzana Alves), ninguém mais o reconhecia e ele podia se transformar em um destemível justiceiro, e é mais ou menos o que acontece com os “mini-SUV’s” brasileiros, como o T-Cross, o Nívus e o Pulse.



Os dois primeiros são derivados do Polo, tem em comum a maioria de suas peças (se não todas) e acabamentos internos quase idênticos, melhor dizendo, os mesmos plásticos duros, mas na parte externa enfiaram um rack no teto, uns plásticos nas laterais e uns faróis pouco diferentes e se transformam em



Nas fotos acima, à esquerda, VW Nivus, e à direita, VW Polo, com o interior de cada. Na foto abaixo, o VW T-Cross

outros carros. E por isso cobram, no mínimo, 30% a mais do que o irmão popular, podendo chegar a bem mais do que isso. O mesmo acontece com o Pulse, lançamento da Fiat, que não passa de um Argo disfarçado, com rack no teto e plásticos na lateral.

Pode até ser que algum especialista em automóveis tente rebater as minhas impressões (vou achar ótimo se comentar), afirmando que são projetos absolutamente diferentes, mas será difícil negar que não passam de carros populares camuflados de micro-SUV's, fazendo com que o comprador inocente sonhe que está adquirindo a miniatura de um Cadillac Escalade, ou de um GMC Terrain ou Arcadia, esses, sim, verdadeiros Sport Utility Vehicle.

O mais importante desses carros populares "especiais" seria o motor diferenciado, mas, neste



caso, são absolutamente iguais.

No passado, esse tipo de carro, com os já conhecidos racks no teto e plásticos nas laterais, eram denominados “Cross”, e tinham a mesma proposta “off-road”, mas não passavam de um embuste para enganar aqueles consumidores que sonhavam em ser “aventureiros” de fundo de quintal.



Nas fotos acima, Fiat Pulse e Argo.

Carros como o Ford Fiesta, o Fiat Uno, o Honda Fit, o Peugeot 207 e até o feioso Etios, entre outros, ganharam esses acessórios inúteis para majorarem os seus preços. Alguns deles nem mesmo sofriam ajustes na altura da suspensão, para darem a impressão de que eram carros feitos para trafegar fora do asfalto. E tração nas quatro rodas, nem pensar.

SUV's de verdade são os que você poderá ver a seguir, mas não são para os nossos bicos: estão à venda na Terra do Tio Sam, acessíveis a um traba-



lhador comum, não necessariamente um milionário, contrariamente ao que ocorre no Brasil, onde o coitado pode ralar a vida inteira, mas não consegue comprar um patinetes.

O mundo é injusto, nós sabemos, e o jeito é sonhar com essas maravilhas, cujos preços em dólar correspondem a menos da metade do que é cobrado aqui, já contabilizado o lucro dos fabricantes, mas a culpa é dos impostos, é o que sempre dizem, mas não é bem assim.

A verdade é que o comerciante brasileiro mete a mão em tudo, e não é só no preço dos carros, mas também dos perfumes, das roupas, dos medica-



mentos, dos produtos de limpeza, dos alimentos, dos combustíveis, enfim, em tudo o que chega aqui.

Parece uma praga o que acontece com consumidor brasileiro, que, além de tudo, tem que aceitar as "adaptações" que a indústria automobilística prepara para o nosso mercado, e isso significa menos itens de conforto e um acabamento interno bem inferior.



Às vezes até o motor eles colocam um diferente, para o carro vendido aqui, menos potente, ultrapassado, e fazem a maior propaganda, destacando as vantagens desse motor horrível que eles resolvem nos empurrar goela abaixo, e o brasileiro vai todo feliz às concessionárias, comprar o seu carrinho popular disfarçado de carro de luxo, para pagar em suaves 900 prestações.

Coisas como essas só acontecem no Brasil, onde o motorista pega um carro 1.0, entra na pista, mete uma primeira marcha, enfia o pé no acelerador, sai cantando pneu e pensa que está dirigindo um autêntico carro esportivo. E se arrebenta na primeira curva da estrada esburacada.



SÓ AS CACHORRAS!

Tenho duas cadelinhas, Meg e Lila, uma Shitzu e uma mestiça, de porte grande, uma possível mistura de Doberman com Labrador Retriever, quase quarenta quilos, extremamente mansa, mas a pequenina é brava. A moda agora é falar “cachorras”, em homenagem às funkeiras, mas no meu tempo “cadelas” era o feminino de cachorro, e também servia para denominar mulheres não muito honradas. Hoje em dia, tem mulher que nem se importa de ser chamada de cachorra, e ainda dança até o chão. Mas do jeito que as coisas estão, em breve teremos que falar “cachorres”.

Criar as duas em um apartamento é uma aventura e tanto, principalmente pela grandona, a Lila, que apesar de ter completado três anos, ainda pensa que é filhote e destrói muitas coisas, mas a compensação é o carinho, a festa que faz quando a gente chega, enquanto a Meg fica deitada que nem um tapete, na maior parte do tempo.

Penso que todo mundo deveria ter um cachorro. Ou dois. Ou duas. Vale dizer que o macho mija o tempo todo pelos cantos, para delimitar o território, deixando uma catinga danada. Tem gente que nem liga, talvez porque se acostume com o cheiro, mas as visitas percebem na hora, o que é muito desagradável. E também tem aquele lance de ficar querendo copular nas almofadas e nas pernas das visitas. Por isso, em apartamento, é melhor ter fêmea.

Fiquei sabendo que alguns cachorros vivem até 28 anos, e aposto que são da raça Poodle. Esses cachorros resistem a tudo, até a uma guerra nuclear. Se alguém partir um Poodle ao meio, se transformam em dois Poodles. É uma coisa impressionante.

Considerando o que dizem a respeito da idade do cão, proporcionalmente ao ser humano, quando se deve multiplicar cada ano do animal por sete, esse bicho de 28 anos pode viver o equivalente a 196 anos. Eu não queria viver tudo isso. Imagine, acompanhar os modismos indo e voltando, as políticas e os costumes se degradando, breves períodos de prosperidade e outros de decadência. Em 100 anos já muda muita coisa.

Pense em como era o mundo em 1922. Os carros, as roupas, os costumes, a cara das pessoas, era tudo diferente. Agora imagine como será daqui a 96 anos, em 2118. Possivelmente, não teremos carros voadores nem máquinas que entregam a comida toda processada, a partir de pílulas depositadas em um compartimento, como nos desenhos dos “Jetsons”. Tampouco, réplicas humanas perfeitas, como em “Blade Runner”, filme de Ridley Scott. No ritmo em que estamos, com tantas guerras e destruição, em um futuro não muito distante mal teremos utensílios de pedra. E os cachorros ficarão rodeando as fogueiras, em busca de restos de alimentos.



por Michel Salomão

DOMÉSTICAS

por Nuno Campanha



Já tive muitas empregadas domésticas, ou “secretárias do lar”, como alguns preferem chamar, para ficar mais chique, mas quem fala assim é porque não tem dinheiro para contratar um mordomo ou governanta, e então fica tirando onda de bacana e ainda paga mixaria.

É uma atividade muito estafante, não há dúvida, quase um trabalho escravo, porque, no Brasil, os salários pagos a essas profissionais, em geral, são muito baixos (mas com os encargos e outras despesas, encarece muito para o patrão), e acaba ficando o trabalho por troca de comida e, às vezes, moradia para os raros empregadores em cujas residências ainda existem as famosas DCE's (dependência completa de empregada), normalmente transformadas em depósitos.

Tive um apartamento em que o DCE media exatos 1.80m x 1.60m, sendo que, se quisesse colocar um colchão, teria que cortar um pedaço dele, para poder caber. E do lado havia um banheiro que comportava apenas um vaso, quase colado a uma minúscula pia. E o chuveiro ficava em cima do vaso. Fico imaginando o que se passa na cabeça de um arquiteto que projeta um apartamento desses e, pior ainda, o engenheiro que constrói. Será que eles acham que conseguiríamos contratar uma empregada pigmeia?

Pelo que pude contar, tive mais de dez empregadas, e com todas elas aconteceu alguma situação engraçada. A primeira que me lembro, a

Zeneida, logo no seu primeiro dia de trabalho, procurei orientá-la sobre o uso de materiais de limpeza, explicando para ela que não deveria misturar determinados produtos, e que sempre que fosse lavar o banheiro ou a cozinha, deveria deixar a porta e a janela abertas, para não se intoxicar. Na verdade, evitei usar o termo “intoxicar”, porque ela poderia não entender, mas, ainda assim, perguntei se havia entendido o que eu havia falado sobre as misturas, sobre as portas e as janelas abertas, para não passar mal, e ela balançou a cabeça afirmativamente.

Assim, fui trabalhar, e mais tarde a minha esposa me ligou falando que precisava levar a empregada no hospital, pois ela havia se intoxicado com os produtos de limpeza. Corri para casa e ainda perguntei para ela: você misturou aqueles produtos que eu falei que não era para misturar e deixou a porta e a janela fechados? Ela disse que sim, porque achou que podia.

Não posso me esquecer da Dona Francisca, tadinha, que era analfabeta de pai, mãe e parteira. Gostava muito dela, mas ficava muito irritado quando ela vinha me dar os recados do telefone. “Um moço ligou”. “Qual moço?”, eu perguntei. “O moço do ventilador”. Ventilador? Eu nem tenho ventilador. Fiquei tentando por horas e dias desvendar quem havia me ligado, mas nunca consegui descobrir. O tal moço do ventilador não

ligou de volta e talvez eu tenha perdido algum negócio importante, ou talvez não, quem sabe tenha sido mesmo um vendedor de ventilador, mas deixa pra lá, não importa mais.

A Valdirene tinha um problema com o sal. Lá em casa a gente não abusa do tempero, sempre procurando instruir as empregadas com relação aos excessos, mas ela jamais conseguiu entender. Logo no princípio, ela me perguntou: “você gosta de comida com muito ou pouco sal”? “Na medida certa”, eu respondi: “Nem muito nem pouco”. E assim, quando ela exagerava na quantidade e a gente reclamava, na vez seguinte, fazia a comida sem sal algum. Se reclamássemos de novo, voltava a colocar quilos de sal. Era tudo ou nada. Era 8 ou 800.

Teve também a Lindaura, que para se mostrar eficiente, resolveu “dar um trato” em uma frigideira cara, de TEFLON, que eu havia acabado de comprar. Quando cheguei em casa, estava brilhando que era uma beleza: ela pegou bombril, palha de aço, esmeril, sei lá o que mais, e tirou toda a cobertura antiaderente da panela, mostrando o seu feito com orgulho. “Olha aqui como ficou: estava pretinha e deu um trabalho danado, mas agora está brilhando, vê só”.

Já a Cristiana queimou uma camisa social na hora de passar, bem na parte de baixo, perto da barra, e sabe o que ela fez? Cortou toda a barra, tirando a parte queimada, e depois costurou cuidadosamente, para que eu não percebesse. A camisa ficou parecendo um “top”, e combinaria muito bem com uma saia ou um shortinho, mas com minhas pernas cabeludas não ia ficar legal.

A Vanda trabalhou lá em casa pouco mais de uma semana, e se ofereceu para lavar o meu carro. Inocentemente, falei para ela pegar a bucha e o shampoo no armário das ferramentas, tendo o cuidado de lembrá-la para que molhasse o carro primeiro e fazer muita espuma, para não arranhar a lataria. Só que ela errou o armário e pegou uma daquelas buchas de cozinha, com uma parte amarela e outra... verde. É claro que ela lavou o carro com a parte verde, e o resultado foi que, graças a ela, lançaram a moda do preto fosco.

Não vou nem falar das experiências com água sanitária. Doméstica adora água sanitária. Perdi a conta de quantas roupas elas estragaram. Teve uma que manchou a perna de uma calça social, bem na parte da frente, com algumas gotas, e aí, para combinar, manchou a outra perna também, na mesma altura, para fazer de conta que nasceu assim. É água sanitária pra tudo. Serve pra curar dor de dente, matar piolho, tirar chulé, alisar cabelo e até para tempero de salada. E tem também o Omo: como gostam do Omo! Não se pode comprar de outra marca, pois elas não aceitam. E falam com a boca mais cheia: Omo Total! E óleo de soja? Elas amam aquelas garrafas transparentes, e adoram fazer a comida nadando no óleo. Quando vão fritar um ovo, viram uma garrafa quase inteira. E pedem para levar a garrafa vazia para casa, não sei para quê. Deve ser para fazer decoração,



lustre, arranjo de mesa, plantar coisas, fazer de regador, guardar feijão, carrinho para criança, sei lá.

Para terminar, teve a Vanilza, cuja mãe morreu três vezes. Da primeira vez até paguei um táxi para ela ir lá no enterro, mas da segunda vez fiquei meio desconfiado, e ela alegou que era mãe de criação. Da terceira vez fiquei invocado, e quando questionei, ela veio com a conversa de que era uma tia, que chamava de mãe. Mas ela não esperou morrer sua quarta mãe: pediu demissão e foi trabalhar - acreditem - no IML: virou lavadora de defuntos.



AUTOAJUDE-SE A SI PRÓPRIO

Nesta coluna você encontrará dicas interessantes para tornar a sua vida melhor, mas se não funcionar, poderá ao menos dar algumas modestas risadas.

Olhe-se no espelho. O que achou? Muito ruim? A carcaça não está boa? Dá para aproveitar alguma coisa? Quem sabe uma plástica discreta possa resolver o seu problema? Não adianta? Já pensou em usar permanentemente uma dessas máscaras de carnaval?

Acalme-se! Isso é só uma brincadeira, para descontrair. Saiba que o bom humor é um ótimo truque que pode ser usado contra as crises do dia a dia. O humor também pode ser um excelente artifício para conquistar as pessoas. Isso se você não for do tipo que perde um amigo, mas não perde a piada.

Sei que pode não ser tarefa das mais fáceis manter o humor em alta nos dias de hoje, com tantos problemas como a violência, o stress, o desemprego, a fome, greves, cataclismos, pandemias, guerras e outros males que assombram o planeta, sendo que de nada adianta nos refugiarmos em nossas casas, pensando que assim estaremos mais seguros, pois não existem muros intransponíveis nem portas à prova de arrombamentos.

Além disso, um avião, um meteoro ou a sucata de uma nave espacial pode atravessar o telhado e esmigalhar as nossas cabeças, sendo que de nada terá adiantado tanta angústia. O jeito é relaxar, enfrentar a realidade, dar o primeiro passo e contabilizar os resultados. Só não me pergunte com qual dos pés deve começar, pois não sou chegado em superstições.

Mas as coisas acontecem quando e como devem acontecer: nem antes, nem depois. Essa pandemia, por exemplo, apesar do desastre que causou, acabou colaborando com muita gente, com essa obrigatoriedade do uso de máscaras, sendo que, ainda hoje, um significativo número de pessoas se recusa a tirar o acessório, mesmo depois que se casaram, para se protegerem dos estilhaços dos espelhos e esconderem o bafo.

Para muita gente, essa máscara tinha que ser de rosto inteiro, incluindo um chapéu, acompanhado de uma burca, porque nem os olhos salvam.

O saudoso comediante Batoré é que dizia: “você acha que é bonito ser feio”? Mas segundo o filósofo Falcão, autor da inesquecível “I’m not dog no”, entre outras pérolas, “dinheiro não é tudo, mas é 100%”. Com isso, possivelmente, ele estava querendo dizer que, com dinheiro, não existe gente feia.

E pode ser a mais pura verdade. Veja o exemplo da cantora Anitta, que depois de famosa ganhou um “t” a mais no nome: se não fosse o pesado investimento da indústria do entretenimento, passaria despercebida atrás de um balcão de padaria (onde podem existir exemplares bem mais bonitas), mas agora é vendida

como a mulher mais desejada do mundo, o que não é verdade. Ela fica se contorcendo como uma minhoca, simulando orgasmos múltiplos, mas aquilo é pura encenação. O problema é que tem gente que acredita. Ela tem jeito de ser chata, de ter muita dor de barriga e chulé.

Assim, você pode ter esperança, e não se importe com o reflexo que o espelho lhe proporciona: fique rico(a) e você ficará bonito(a)! Só não me pergunte como. Apague o que eu disse. Só falei brincando. Vez ou outra, tento arriscar de piadista.

Mas se isso não for possível, capriche na inteligência, no humor, no carisma e no talento que você esconde, ou às vezes nem sabe que tem, pois esses requisitos podem superar em muito qualquer beleza superficial, que se decompõe em pouco tempo. Imagine a Anitta daqui a dez anos ou pouco mais, toda flácida, cheia de estrias e celulites, a cara inchada de tanto botox e preenchimentos, além de várias plásticas, enquanto você poderá estar bem melhor. Acredite nisso! E pode depositar o valor desta consulta em minha conta. É só dez real.

trechos do livro "Irresistível - você também pode ser",
de Michel Salomão





Águas profundas poderia ser um daqueles filmes inesquecíveis, às vezes pela qualidade e talento da produção, edição, roteiro, interpretações, direção ou por todas essas coisas capaz de levar um filme à candidatura do Oscar e até mesmo à vitória (se bem que Oscar e bons filmes já há um bom tempo não são mais sinônimos). Entretanto, existem aqueles que também não nos saem da cabeça por seus defeitos, vícios e problemas. No sentido da direita para a esquerda, em ordem decrescente, esse filme estaria na parte mais baixa da ladeira, quase na extremidade canhota (não há aqui nenhuma conotação política, apenas o meu critério de aferição, pessoal e intransferível).

Dirigido por Adrian Lyne, o mesmo de "9 e 1/2 semanas de amor" (proto-pornô), "Proposta Indecente" e "Atração Fatal", se manteve em período sabático por 20 anos, e, ao voltar, tropeçou em seus próprios erros não resolvidos no passado e reforçados no presente. A se salvar a química entre o canastrão Ben Affleck, a linda Ana de Armas, e o carisma infantil de Grace Jenkins; de resto quase nada se aproveita no filme, nem mesmo a incipiente e pálida crítica social aos endinheirados e suas vidas fúteis.

A história é sobre o relacionamento confuso, destrutivo, imaturo e corrosivo de Vic (Affleck) e Melinda (Armas), um casal de ricos cuja filhinha, Trixie, é mais madura e centrada do que os pais. Vic, um gênio da computação, criou um sistema de drones para o governo americano que atinge alvos inimigos com alto grau de precisão. Assim, ganha uma fortuna e se dedica quase exclusivamente à família, festas onde era constantemente desafiado pela esposa, e uma criação de escargots no porão de casa.

Melinda é a típica mulher fatal: linda, sexy, ardorosa e promíscua, além de bêbada; deita-se com qualquer um sem o menor pudor ou remorso, e diante de toda a cidade desfila os amantes debaixo dos narizes incrédulos de amigos e conhecidos. Não respeita ninguém a não ser o seu apetite sexual. Não se sabe a razão de agir assim, mas no decorrer da trama, fica-se a par de, talvez, ser a frieza do marido, não dado a arroubos e ferveores, a causa das inúmeras e sucessivas traições. Só esse fato de-

monstra a infantilidade e fragilidade da história. Vic ama Melissa, ao seu jeito, e mesmo sabendo dos affairs extraconjugais, não pretende se separar; ela está mais disposta a humilhá-lo, enquanto se beneficia da sua fortuna para presentear amantes e, em alguns casos, sustentá-los.

Trixie tem afinidades e um relacionamento carinhoso com o pai, e por vezes vemo-la provocar a mãe (quase sempre de ressaca pela manhã ou bêbada durante o dia) com músicas infantis e barulhentas. A relação das duas

é claramente conflituosa, já que a pequena, inteligente e sagaz aos 6 ou 7 anos, não está desatenta à disfunção moral da progenitora.

Então, Vic, para se vingar, resolve matar um a um os "amigos" de Melissa. Isso mesmo. Incapaz de se divorciar, seja lá qual for o motivo, decide afastar definitivamente os rivais, e acaba por provocar o furor da esposa, privada dos seus "brinquedinhos" e tendo de encontrar outros.

A história em si é um emaranhado de equívocos, inverossímil e cheia de buracos por todos os lados. Lyne não consegue preenchê-los, deixando a coisa toda à deriva, mas abusando daquilo que sabe fazer tão bem: exorbitar no exibicionismo e masoquismo dos personagens. O roteiro estúpido (baseado no livro homônimo de Patricia Highsmith), direção insegura e canhestra, e o clima nitidamente absurdo da trama, faz-nos lembrar as antigas novelas venezuelanas, de 30 anos atrás, deixando a sensação de estarmos diante de uma grande e inominada porcaria.

No final, ao perceber que o marido era o assassino dos seus amantes, Melissa reconhece, com isso, a sua mudança de atitude, de não ser o homem frio, distante, mas certamente um potencial marido capaz de amá-la.

E as provas mais sórdidas e abjetas convence-a de que os assassinios impiedosos, planejados e brutais serão suficientes para apaziguar o seu ímpeto devasso. Ou seja, para conquistá-la, não era bastante fortuna, gentileza e leniência, mas a oblação, os sacrifícios consagrados no altar de Melissa. Os dois se merecem, não há dúvidas.

De bom mesmo, lá pelo minuto 20 e poucos do filme, só a performance de Grace Jenkins cantando "You make me feel like dancing", música de Leo Sayer, de 1976, sentada no banco de trás do carro, a caminho da escola. Temos o melhor de Affleck também. Valeria o filme, se as quase duas horas se restringissem a um curta metragem. Essa cena é um dos poucos trunfos a tirá-lo da extrema esquerda e trazê-lo mais próximo ao centro. Não o suficiente, mas podia ser muito pior.

Avaliação: (*)
Título Original: Deep Water
Direção: Adrian Lyne
Roteiro: Sam Levinson e Zach Helm
Ano: 2022
Produção: Amazon
Duração: 116 minutos

texto de
Guido Malaparte



A liberdade, desde sempre, é buscada por todos, sejam homens ou mulheres. Até as crianças, em tenra idade, choram e esperneiam para vivenciar essa sensação. E as mulheres casadas? Essas devem lutar por momentos de liberdade. E as mulheres casadas e com filhos? Essas devem lutar ARDUAMENTE para terem pequenos momentos de libertação. Explico.

Muitas mulheres, de peito aberto e inflamado, saem com amigas por poucas horas, mesmo sob os olhares inquisidores dos maridos, das cunhadas, das tias, das avós e até das mães. Outras, mais ousadas, organizam viagens longas para terem alguns dias sem ouvir o choro e a voz estridente das crianças. Ainda há aquelas que se ausentam de festas familiares, sob a reprovação de parentes, para ter momentos de paz e sossego. E o melhor: não precisam dividir seu tempo para dar atenção às crianças de sua vida, sejam os filhos, o marido ou o companheiro.

E, nessa busca por liberdade, muitas aderem ao gostoso passeio das trilhas por montanhas. A vontade de se aventurar e de se deliciar por momentos de paz na companhia de outras mulheres, também detentoras da carta de alforria, por breves instantes, faz essas guerreiras acordarem quatro da manhã. Algumas erram o ponto de embarque, enquanto outras, mesmo com diversos contratemplos, como cancelamentos de viagens pelo UBER, bateria do carro arriada, carteira esquecida sobre o criado ou tensão pré-menstrual, não desistem e conseguem chegar ao seu destino. Tudo isso para andar no meio do mato e terem uma experiência épica e de paz, mesmo enfrentando mosquitos, espinhos, calor, frio e “zero” conforto.

Participar desses passeios é quase irresistível em Minas Gerais, onde existem grupos e mais grupos, guias e mais guias para os mais variados destinos. Afinal, esse lugar é repleto de montanhas e cachoeiras. As caminhadas, apesar do cansaço gerado, proporcionam visualizar paisagens lindíssimas e pores-do-sol acalentadores. A água gelada da cachoeira, então, retira todo resquício dessa energia de servidão feminina. E, se fizessem esse passeio na companhia dos filhos e dos maridos, não teriam paz, pois deveriam, a todo tempo, preocuparem-se com os pequenos aventureiros, com o perigo das pedras, das cachoeiras e das cobras, além da atenção que se veriam obrigadas a dedicar ao cônjuge. Nas companhias das amigas, tudo é diversão e sem cobranças. As fotos dos cenários naturais, com o destaque dos cabelos esvoaçantes, que se vê nas redes sociais, são provas da liberdade feminina.

Entretanto, os maridos, detentores das chaves que encarceram essa liberdade há séculos, sentem medo. Alguns tiveram que, por um dia apenas, ouvir o choro e a voz estridente das crianças. A repetição dessa experiência para esses seria um desastre. Outros, aterrorizados, lembram dos possíveis rivais, quais sejam os “trilheiros” másculos, que exalam testosterona, alegria, energia e LIBERDADE. E ainda há aqueles que se atentam para a possibilidade da presença de amigas separadas, divorciadas ou desquitadas, companheiras de trilha e mensageiras dessa tal liberdade. Eles pensam: “são perigos para a minha paz conjugal”.

O caminho para eles é contestar, espernear, alegar a primazia da família em relação às aventuras fugazes para as suas companheiras ou esposas. Tudo pelo temor de se tornarem uma segunda opção enfadonha. Algumas mulheres, para evitarem conflitos, aceitam a pirraça do marido e os protestos das crianças. Outras, corajosas, refutam os argumentos e já planejam a aventura para o próximo mês. Algumas, ainda mais corajosas, organizam viagens para o exterior na companhia das amigas com um ano de antecedência.

Para aquelas que aceitam pirraça do marido, ainda há tempo de se rebelarem contra as imposições maritais e vivenciarem essa experiência libertadora. A depender do ponto de vista de cada uma, pode ocorrer o “infeliz” ou “feliz” divórcio ou, como a expectativa de vida das mulheres é maior do que a expectativa de vida dos homens, a viuvez também pode trazer a almejada “liberdade”. Vencidos os empecilhos, qualquer que seja a forma, essas guerreiras, caso queiram, poderão fazer trilhas toda semana e escancarar a sua felicidade e gratidão nas redes sociais sem questionamentos ou culpa. Ufa, enfim a libertação.

Nádia Moreira Santiago



contato@zotika.com.br
5ª Avenida - Savassi - BHZ
(31) 3281-0309 (31) 3261-6665

PIADAS CLÁSSICAS

Perguntaram a um mineirinho:

- Quais são as três melhores coisas do mundo?
- Dinheiro, muié, e bicho de pé.
- Bicho de pé?
- Uai, de que vale ter dinheiro e muié, se o bicho não fica de pé?

Joãozinho chega na padaria e pergunta:

- Moço, tem pão?

O padeiro responde:

- Só tem pão dormido.
- Ah, então acorda cinco aí pra mim.

Um funcionário de uma empresa sofreu um acidente de trabalho e teve que engessar o braço. Na hora de ir embora do consultório, ele perguntou ao médico da empresa:

- É muito grave, doutor?
- Não é grave, não. Pode ficar tranquilo.
- Eu vou poder tocar piano?
- Claro! Em um ou dois meses.
- Que legal! Eu sempre fui louco para aprender a tocar piano!

O pai pede para o filho para que saia do carro e verifique se o pisca-alerta está funcionando.

- E então? - perguntou o pai - Está funcionando?
- Sim, não, sim, não, sim, não... - respondeu o filho,

O marido bruto chega do trabalho e encontra a mulher aos prantos:

- Osvaldo, a nossa empregada disse que não vai poder mais trabalhar aqui... - disse a mulher.
- Isso é problema seu! - respondeu brutaemente o marido.
- Ela disse está grávida! - argumentou a mulher.
- Isso é problema dela! - responde o marido com mau humor.
- E ela disse que o filho é seu! - gritou a mulher.
- Isso é problema meu! - disse o marido, engolindo em seco.

O cara chegou ao barbeiro, trazendo um garotinho pela mão: - Dá um trato na juba aí, ô do avental! - pediu ao barbeiro. O barbeiro cortou seu cabelo e, em seguida o homem disse:

- Agora, vai cortando o cabelo do garoto que eu vou comprar um jornal e já volto. O barbeiro cortou o cabelo do garoto e ficou esperando o homem voltar. Após duas horas, o barbeiro comentou com o garoto: - "Acho que seu pai se perdeu! Faz duas horas que saiu e ainda não voltou"... - "Ele não e meu pai não, moço! Eu estava no meio da rua quando aquele homem me parou e perguntou: que tal a gente cortar o cabelo de graça"?

Um velhote vai ao médico:

- Doutor, tenho este problema com os gases. Solto à vontade uns 40 por dia. Felizmente não cheiram mal, mas o barulho é tão desagradável...
- Depois de analisar, o médico diz:
- Meu senhor, vamos fazer um tratamento por etapas. Primeiro vai tomar estes comprimidos, três por dia, durante uma semana...
- Passado uma semana, o velhote volta:
- Ô doutor, a medicação não deve estar funcionando. É que os gases não só continuam, como passaram a cheirar horivelmente...
- E responde o médico:
- Calma meu senhor: já tratamos da sinusite. Agora vamos tratar especificamente dos gases.

O dono do bar já estava de saco cheio com o bêbado, que todo dia vinha ali encher a cara. Numa daquelas, quando o bêbado pediu "bota mais uma", ele despejou ácido no copo. O bêbado tomou, fez uma careta, disse "esta eh forte, hein"? e saiu, cambaleando. Passaram-se vários dias e o bêbado não apareceu mais. O dono do bar ate ficou preocupado, pensando que tinha matado o infeliz. Uma noite, o bêbado reaparece, já trocando as pernas, e pede uma pinga. O dono do bar serve a cachaça, o bêbado toma, faz careta, e diz: - "Esta não, eu quero eh aquela que quando a gente faz xixi, enche a calçada de buraquinho"...

Dois homens que acabaram de se conhecer conversam sobre as maravilhas do Oriente. Um deles diz:

- Quando completei 25 anos de casado, levei minha mulher ao Japão.
- Não diga? E o que pensa fazer quando completarem 50?
- Talvez eu volte lá para buscá-la.

O velho estava sentado na mesa do bar que ficava no 50º andar de um hotel em NY, quando sentou-se ao seu lado um jovem executivo, que lhe ofereceu uma bebida.

- Aposto 100 dólares como consigo virar toda essa garrafa de uma só vez - disse o rapaz, colocando uma nota de 100 sobre o balcão.

O velho colocou a sua nota de 100 dólares por cima da outra, o rapaz virou tudo de uma vez e, feliz, pegou o dinheiro.

- Quer apostar 1000 dólares que eu pulo dessa varanda, vou até lá embaixo e volto voando?
- Essa eu quero ver - o rapaz colocou o dinheiro sobre o balcão.

O velho foi até a varanda, pulou e pouco depois retornou tranquilamente, flutuando. O rapaz ficou boquiaberto e saiu aos tropeços, imaginando que havia excedido no álcool. O garçon se aproximou, enquanto o velho recolhia todo o dinheiro sobre o balcão.

- Depois de velho, você virou mesmo um canalha, não é, Super-Homem?